



marian rabello





---

**MARIAN RABELLO  
E OS AZULEJOS MURAI**

EXPERIÊNCIAS EM ARTE PÚBLICA

---

**CILIANI CELANTE  
MARCELA BELO  
JOSÉ CIRILLO**

Proex – UFES

Vitória  
2014

## FICHA TÉCNICA

### Pesquisadores do Projeto

Ciliani Celante  
Marcela Belo  
José Cirillo

### Fotografia

Marcela Belo

### Texto

Ciliani Celante  
Marcela Belo  
José Cirillo

### Revisão de Texto

Vera Lúcia Santa Clara

### Projeto Gráfico

Directa Design

### Impressão e acabamento

GSA Gráfica e Editora

### Tiragem

1.500 exemplares (distribuição gratuita)

Eugenia Magna Broseguini Keys – CRB- MG nº 408-ES

C392

Celante, Ciliani (1976- )  
Marian Rabello e os azulejos murais: experiências em arte pública / Ciliani  
Celante, Marcela Belo, José Cirillo . \_\_ Vitória : ProEx UFES, 2014.  
80 p. : il. 17 x 25 cm.

ISBN 978-85-65276-07-8

1. Arte pública. 2. Arte mural. 3. Azulejos – Espírito Santo. I. Celante,  
Ciliani. II. Belo, Marcela. III. Cirillo, José. IV. Rabello, Marian. V. Espírito  
Santo (ESTADO). S ecretaria de Estado da Cultura.

C DU 7 38.8(815.2)

## ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

### Governador

Renato Casagrande

### Vice-Governador

Givaldo Vieira

### Secretário de Estado da Cultura

Maurício José da Silva

### Subsecretário de Estado da Cultura

Joelson Humberto Fernandes



Realizado com recurso do

**Funcultura**



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65276-07-8



9 788565 276078





# SUMÁRIO

Apresentação	7		
A monumentalidade do azulejo na obra de Marian Rabello	8		
Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca – Térreo	16		
Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca – Sala de Reuniões	18		
Departamento de Imprensa Oficial – Mural Externo	20		
Departamento de Imprensa Oficial – Painéis	22		
Departamento de Imprensa Oficial – Mural Interno	23		
Galeria de Arte Espaço Universitário – GAEU	24		
Praia Tênis Clube	25		
Antiga Lanchonete Sete	26		
Banco do Estado do Espírito Santo – Banestes	28		
Caixa Econômica Federal	29		
Sala Comercial - Edifício Rural Bank	30		
Edifício Dom Fernando	31		
Antigo Depósito Guaraná Coroa	32		
Hospital São Lucas	33		
Antigo Hospital Jesus Menino	34		
Banco Mineiro do Oeste	36		
		Imóvel Comercial – Correios	38
		Imóvel Comercial	40
		Residência Particular - Paineis da Antiga Telest	42
		Imóvel Comercial	44
		Marinha do Brasil – Escola de Aprendizes	45
		Marinheiros do Espírito Santo	
		Restaurante Atlântica	46
		Antiga Atlantic Veneer	48
		Residência Particular	50
		RealCafé Solúvel	52
		Imóvel Comercial (antiga Condelsa)	54
		Antiga Escola Ana Rocha Lyra	56
		Antigo Centro de Convenções	58
		Antigo HI Imóveis	60
		CEPLAC	62
		Fazenda Veloso	66
		Azulejos em localidades não identificadas	73
		Crédito de fotografias, Agradecimentos e Contato	80

SUMÁRIO



# APRESENTAÇÃO

A s características de uma cidade são moldadas pelas relações culturais, políticas, econômicas e sociais, gradualmente estruturadas pela própria sociedade em correlação com outras estruturas sociais de influência histórica em variáveis graus de importância na construção da identidade urbana. Arte e cidade se mesclam numa relação simbiótica na qual uma obra (ou a cidade) somente pode ser percebida por um olhar sensível do sujeito que se coloca frente a frente com outros objetos do mundo sensível. A obra, a cidade e o sujeito constituem uma tríade inseparável que torna perceptível o mundo. Assim, toda cidade carrega sobre si múltiplos significados que se sobrepõem, se intercomunicam e geram sentidos diversos para seus habitantes e visitantes.

A arte em espaços públicos ou para espaços de vivência pública refletem uma aproximação sensível com a memória e a identidade da cidade. Nesse sentido, a arte pública, aquela materializada principalmente sob forma de monumentos, possibilita uma afetação cotidiana dos transeuntes da *urbis* contribuindo para a constituição de identidades e de pertencimento.

A presente publicação busca dar continuidade ao trabalho e fomento à preservação do patrimônio cultural capixaba, cumprindo o papel de reunir e difundir a obra de uma artista de fundamental importância para a memória visual do Espírito Santo: Marian Rabello. De maneira generosa, essa criadora espalhou os seus painéis em azulejo por residências, edifícios comerciais e prédios públicos.

Nascida em Vitória, tem atuado profissionalmente no cenário das artes desde a década de 1960, realizou diversas obras em pintura (como a Procissão dos Homens, no Convento da Penha) e painéis em azulejo (como o da Real Café, em Viana), obras que revelam uma sintonia da artista com o crescimento da cultura e das cidades capixabas, ultrapassando até mesmo os limites do Espírito Santo.

Conforme o competente trabalho dos pesquisadores Ciliani Celante, José Cirillo e Marcela Belo, constatamos que alguns dos trabalhos da artista já não existem, outros requerem reparos, e alguns estão em um ótimo estado. Tal diversidade de conservação só reafirma a necessidade desse tipo de inventário e catalogação para a memória dessa produção artística.

Vale ressaltar que este catálogo, segundo de uma série idealizada pelos pesquisadores sobre a arte pública no nosso Estado, foi fomentado pelo Edital nº 026/2013 da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo destinado a projetos para inventário, conservação e reprodução de acervos. O nosso desejo é que, com mais este trabalho de pesquisa e difusão, os cidadãos capixabas deem o devido reconhecimento e perpetuem a memória artística presente na obra de Marian Rabello, em especial no que tange sua relação com o espaço coletivo da *urbis* contemporânea.

**MAURÍCIO JOSÉ DA SILVA**  
**SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA**



# A MONUMENTALIDADE DO AZULEJO NA OBRA DE MARIAN RABELLO

## 1. INTRODUÇÃO: DAS CHAMAS DA PROCISSÃO ÀS SUPERFÍCIES ESMALTADAS

A temporalidade se inverte. O fluxo é poético. Como nós de um mundo pensado em rede, o tempo sobrepõe-se. Interpõe-se. Pontos de luz vagam na escuridão. Velas ao longe iluminam a noite. Fervor religioso que move o homem. A 'Procição dos Homens' sobe o penhasco. Fogaréu nas noites de fé. Incondicional crença nos desígnios do plano sobrenatural que move a mão de uma mulher que não se viu nos grillhões do papel social tradicional. Preparada cuidadosamente para o papel de mulher, esposa e mãe, conhecedora dos fazeres das artes para as prendas do lar, Marian Rabello não se rendeu a esta convenção. Tornou-se artista. Vive para a arte e da arte. Casa-se com as cores e as formas. Seus filhos, obras que se perpetuam no cenário cultural do Espírito Santo, trafegando entre o público e o privado. Superfícies esmaltadas. Tradição lusitana revista. Memórias em construção. Monumentais obras que se espalham por enormes paredes. As frias paredes transformam-se em coloridas imagens entre o figurativo e o abstrato. Lúdicas imagens que arrebatam os olhos. Suas obras vão do desenho, passando pela pintura, até à grandiosidade de painéis murais em azulejo, que resistem a meio século; ora esquecidas, ora invisíveis. Aquecidas pelo sol, acalentadas pela noite. Reservas da genialidade de uma mulher à frente do seu tempo.

Seria impossível, nesse texto, falar de toda a obra desta artista capixaba, por isto, dando continuidade aos estudos sobre arte e cidade, optamos por olhar a sua produção dada ao coletivo urbano: sua produção mural, agora descortinada do esquecimento imposto por uma contemporaneidade isolante àqueles que a construíram. Assim, focamos esta reflexão sobre obras de Rabello que tangenciam

o espaço público e que imprimem, no Espírito Santo, aspectos da produção cultural brasileira voltada para a arte pública. Apontamos aspectos de seu processo de criação, buscando revelar alguns fragmentos de seu projeto poético ao longo de décadas de produção.

Buscando possibilitar uma melhor indexação dos diferentes painéis de Marian Rabello, optamos por apresentar brevemente um percurso da azulejaria no Brasil, em especial nos procedimentos que aproximam a artista desta técnica e que auxiliará o leitor no estabelecimento de relações e mediações entre a tradição artesanal da técnica e sua investigação nas artes, não somente por Rabello, mas também por importantes artistas da arte nacional, como Portinari e Athos Bulcão.

## 2. UM BREVE SOBREVÃO SOBRE A PINTURA EM AZULEJO NO BRASIL

○ azulejo é uma placa de barro cozido quadrada, de pouca espessura (cerca de 1 cm), vidrada na face direita. Quanto às dimensões, por muito tempo elas foram padronizadas medindo entre 13,5 e 14,5 cm, segundo medida normatizada em Portugal no século XVI perdurando tal padrão até o século XIX. A face direita recebe a cor, a pintura ou o relevo. Raras vezes a unidade decorativa limita-se a um só azulejo, sem continuidade, geralmente é constituída por um número maior ou menor de azulejos que compõem um desenho único ou um padrão geométrico.

Originalmente, o azulejo não é um produto português, mas o seu uso decorativo no Ocidente pertence historicamente a esta cultura. O emprego dos azulejos, nas decorações de fachadas de edifícios civis e religiosos, atingiu em Portugal um alcance nunca visto em outros países. Como destacam Simões e Miguel:

O azulejo não é genericamente, um produto típico de Portugal: veio de fora e aqui se adaptou. Processo dessa adaptação e, principalmente, a intenção decorativa que norteou os adaptadores e que, quando a nós, constitui a originalidade portuguesa e nos leva a reivindicar para Portugal a incontestável primazia a que a decoração cerâmica tem direito no quadro das artes decorativas (SIMÕES, MIGUEL, 2001: 35).

A pintura de azulejos foi introduzida em Portugal no século XVI pelo Rei de Portugal Dom Manuel, por ocasião de seu contato com a azulejaria de Sevilha, e mesmo não sendo este país um dos pioneiros a divulgar o seu uso, na Europa, foi o principal a utilizá-la e desenvolvê-la largamente por um grande período, levando inclusive às suas colônias, entre elas o Brasil. No início do século XIX, com a invasão de Portugal, a Corte Portuguesa deslocou-se para o Rio de Janeiro (WILCKEN, 2005). Neste momento, a atividade econômica portuguesa estava muito prejudicada e, entre 1808 e 1840, a produção de azulejos para quase que completamente. Porém, os brasileiros que gostavam do azulejo e o utilizavam na decoração contribuíram para lhe dar nova vida. Segundo Terol:

Desde o século XVII, este material fora exportado para o Brasil. Grandes mestres ceramistas foram trabalhar lá. A partir do século XVIII, os brasileiros atribuem um novo papel ao azulejo, o de isolar e proteger contra o calor e a umidade tropicais. [...] Nesse princípio de século catastrófico para a economia portuguesa, os brasileiros vêem-se obrigados a comprar um azulejo estrangeiro, quer dizer inglês ou francês ou holandês. Mas o objeto alheio é muito diferente, não lhes agradava. Quando a Corte volta para Lisboa, o Brasil, tornado independente, assina um tratado de comércio com Portugal, comportando uma cláusula de preferência na compra dos azulejos (TEROL, 1990: 85-88).

Assim, o azulejo como suporte para a pintura decorativa chegou a este país trazido pelos colonizadores e teve grande aceitação, principalmente nas cidades

do norte e nordeste, não sendo ainda afastada com exatidão a crença de que seu uso, sob forma de murais em grandes fachadas, fora empregado aqui não somente como forma de ornamento às propriedades de famílias abastadas, mas também como meio de proteção às edificações, com relação à umidade de nosso clima.

No entanto, foi ainda em Portugal que a fabricação de azulejos deixa o comum geometrismo primário em seus desenhos e adota padrões vegetais vindo do gótico, variando posteriormente para temas religiosos, mitológicos, pastoreios, alegóricos, etc., muitas vezes servindo às intenções da contrarreforma. Porém, de forma geral, no século XX a pintura de azulejo se estabelece como linguagem artística autônoma, não mais unicamente ligada à proposta decorativa ou funcional, mas expressando características pictóricas que se somam aos registros testemunhais de suas épocas e a tendências artísticas, fornecendo um precioso documento sobre o desdobramento da técnica à história universal da arte. No Brasil, podemos citar Cândido Portinari e Athos Bulcão, como importantes representantes desta técnica.



Painel de Azulejos de Cândido Portinari, na Igreja da Pampulha, Belo Horizonte.



Painel de Azulejos de Athos Bulcão, na Igreja Nossa Senhora de Fátima, Brasília.

### 3. MARIAN RABELLO, UMA TRAJETÓRIA NA ARTE CAPIXABA

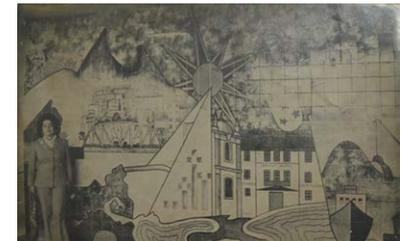
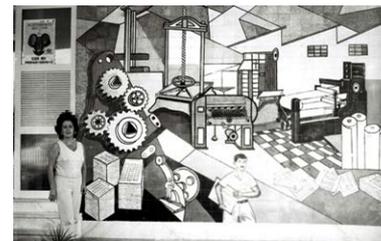
Marian Rabello nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 1931. É autodidata e considera que sua trajetória começou com o seu interesse nato pelo desenho e pela pintura - contrariando as investidas dos pais em inserí-la no campo da música. Durante o período em que morou no Rio de Janeiro, fez várias especializações no âmbito da pintura e, neste trajeto, estudou com a ceramista Hilda Goltz. Porém, é do seu contato com o artista porcelanista Djalma de Vicenzi, no início da década de 1960, que surge o interesse pela pintura em azulejos, em especial seu uso na arte mural. As obras muralistas de Rabello investigadas dialogam com a tradicional experiência da azulejaria, como ainda é praticada em ateliês em Portugal – o que será mais bem abordado adiante – assim como com experiências brasileiras como as obras de Athos Bulcão, não no uso das cores ou formas, mas especificamente na monumentalidade de uma obra/painéis em espaços de uso coletivo.

Por volta de 1965, Marian Rabello foi convidada a realizar o seu primeiro painel em azulejo, no centro da cidade de Vitória, num antigo bar – Lanches Vitória - hoje demolido juntamente com a obra. Após este trabalho, vieram outros tais como o mural para a Secretaria de Agricultura do Estado e o mural para a Imprensa Oficial, ambos de 1971 em Vitória; seguidos pelo mural da Real Café (1972), e a obra da extinta Condelsa – ambas em Viana (ES); e não podemos deixar de citar o mural da Atlantic Veneer (fábrica de laminação de madeiras) localizada em Serra (ES); além de inúmeros convites de trabalhos que se concretizaram em diversos locais, tanto no Espírito Santo, quanto fora do Estado, inserindo-a como profissional no mercado de arte.

No contexto dos estudos realizados, Rabello está inserida na discussão da Arte Pública capixaba, e suas obras fazem parte da paisagem urbana do Estado, por isso não podemos deixar de pensar na parcela de contribuição que suas obras vêm oferecendo ao longo dos anos para a nossa identidade visual pontuando, assim como outros artistas locais, características e tendências vigentes nas artes plásticas entre meados do séc. XX, especificamente nas décadas de 1960 a

1980, no que diz respeito à consolidação de uma produção que insere o Estado no campo da Arte Pública. Esta investigação ainda está em andamento, mas pretendemos com este artigo apresentar uma parte deste estudo: a catalogação e o inventário de murais azulejares que habitam o cotidiano de locais públicos e privados. Essas obras apontam não somente para a arte mural capixaba, mas em especial para uma tendência da arte dos anos de 1960: a apropriação de materiais e de procedimentos até então atribuídos a fazeres artesanais. Tomar esses procedimentos e explorar sua potencialidade estética é um dos mais importantes impulsos da arte contemporânea.

Abaixo, figuras que mostram como Rabello toma para si a expressão da azulejaria. Artesanato esmaltado transformado em matéria geradora de arte.

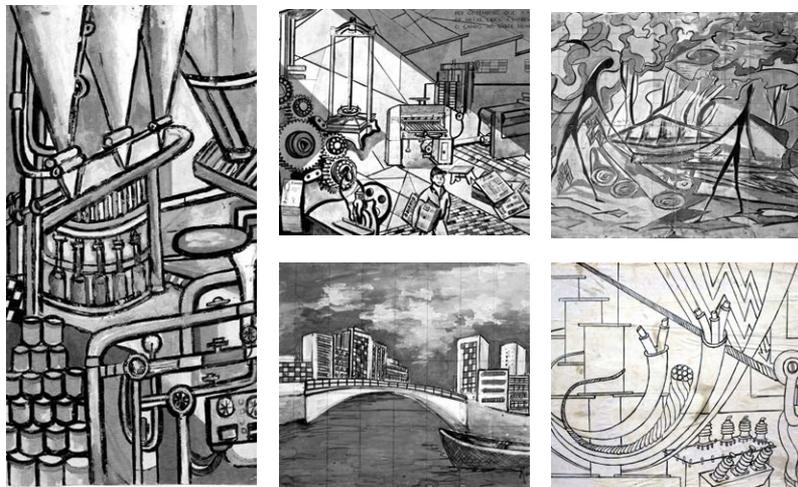


A artista e seus murais

### 3.1. RABELLO E A EXPERIÊNCIA TÉCNICA COM O AZULEJO NA ARTE MURAL

A obra mural no Espírito Santo se concentra basicamente na forma de painéis de material vítrico ou cerâmico. Artistas como Raphael Samú e Marian Rabello são os principais promotores desta modalidade no Estado.

Rabello, objeto de estudo deste texto, centra-se na azulejaria. Entre as técnicas de produção de azulejos, a artista lançou mão de procedimentos artesanais, ainda praticados em algumas fábricas em Portugal, que podem ser consideradas como técnicas arcaicas: destas, a Majólica, também conhecida como Faiança, é a que mais se aproxima à técnica utilizada por Rabello, que já adquiria o azulejo industrial (vitricado em cor branca) e aplicava a composição pré-desenhada num papel vegetal, transferindo para o painel montado em mesas ou sobre o chão. A composição era pintada com pigmentos adquiridos em suas viagens. Estes, seguindo os procedimentos técnicos, eram dissolvidos em óleo de Copaíba (planta nativa brasileira). Após esse processo, os azulejos eram enumerados e queimados, para então serem montados novamente no local escolhido.



Croquis

### 3.2. OS PAINÉIS MURAIIS DE MARIAN RABELLO: CALVÁRIO DA CRIAÇÃO

A obra em azulejaria, de Rabello, compreende obras de pequeno porte para espaços residenciais ou comerciais, mas é relevante o grande número de obras murais para espaços externos. Essas obras são todas em dimensões incomuns na arte capixaba, no período. Tais obras ocupam áreas coletivas, tanto em órgãos públicos, quanto em empresas, em escolas e hospitais.

Mas, é impressionante o seu trabalho em uma fazenda no interior do Estado (Fazenda Veloso – pág. 66-72), na qual ela constrói um de seus mais expressivos conjuntos estéticos. Apesar de ter como referência cartões com a Via Sacra, o traço típico de Rabello é decisivo para a harmonia do conjunto.

Da casa grande e branca entre as montanhas, seguem as Estações do Calvário. A dor para ver a obra sob o sol se estende pelos joelhos cansados. Ádua jornada sem a cruz nas costas. Doce martírio que transforma dor em cor. As estelas se sucedem. O caminho da crucificação se estende aos que a ele tentam chegar. Quilômetros de poeira até ao pé do morro. Dezenas de metros de uma caminhada sob o sol ardente. Acompanhamos a tortura do Cristo. Sentimos na carne as chibatadas do pincel que mistura os pigmentos. As chibatadas deslizam sobre o óleo de copaíba que aglutina o pó que lhe dá cor. O calor dos fornos, que fixam o pigmento sobre as tesselas do azulejo queimam a pele, como o sol escaldante sobre o corpo curvado. Do Cristo, em sua missão. Do visitante, em seu percurso. Da artista, nas árduas horas de trabalho.

Chibatadas do tempo e do desejo de ver realizada a obra. Estendem-se as estações. Do pretório, compartilhado no projeto da obra, até ao calvário das dores da criação em direção a uma missão predestinada. Não se pode fugir dela. Percorremos mentalmente a jornada de Jesus, sentimos o calor e a dor da Montanha por onde se estende o percurso da obra. A cruz da artista é a dimensão da obra. Dezenas de metros quadrados separam a condenação do sepultamento. Centenas de peças separam a artista de sua tarefa. Alvas em sua pureza branca. Maculadas pelo pigmento que lhes imprime uma forma. Uma função. Quinze estações se interpõem ao percurso. Via dolorosa. Via prazerosa. Dor do calvário,

da caminhada. Prazer da angústia transformada em arte. Entregues à natureza humana. Na paisagem dura da paisagem rural, que se atribui a missão de recuperar. Inevitável destino do calvário. Dor para realizar a missão daqueles que não se subjugaram aos papéis sociais. Uma mulher que desbrava os limites do feminino. Uma artista que exorciza os limites do gênero na arte. Transpõe os limites do espaço e do esforço físico. Face feminina da criação.



Croqui de "A descida da Cruz" no ateliê da artista

### 3.3. O ESPAÇO COLETIVO DA CIDADE NA OBRA MURAL DE MARIAN RABELLO

Fazendo um recorte específico, nas obras situadas em espaços públicos urbanos, produzidas durante as décadas de 1960 e 1970, é interessante notar que as obras sofreram pouquíssimos desgastes em sua superfície e, mesmo estando ao ar livre, ainda mantêm o mesmo brilho e colorido característicos da época em que foram afixadas. Isso nos leva a considerar que esta seja uma qualidade do procedimento técnico escolhido pela artista. Ou, mais que isto, é o resultado de uma obra que toma para si a aura de eterna, seja pela técnica – que não resiste à especulação da necessidade de espaços novos nas cidades –, seja pelo tema – que se perde com o

tempo e o distanciamento da época –, ou seja ainda pela cor e forma – talvez um pouco mais duradouras, porém tão frágeis aos predadores urbanos, ao silêncio do esquecimento em uma via de grande movimento de veículos.

Passam carros de norte a sul. Fluxos contínuos entre norte e sul. Parda parede escurecida pela fuligem do tempo. Pelo negro pó do asfalto, misturado com o dos pneus. Mas a grande massa de cor permanece. Monumental presença de cor e de formas. Claro, se nos despirmos do acelerado tempo de percurso de saída ou entrada na cidade. Serra de passagem. Paragem impossibilitada pela ânsia do percurso que se inicia de saída. Impossibilitada também pelo cansaço do percurso que se encerra. Aquele grande painel de cores quentes clama pela atenção dos transeuntes em suas máquinas de transporte. Quando arrebatados pelo encantamento, os olhos se entregam àquelas grandes formas. Ora orgânicas cores sem forma precisa. Ora formas que parecem doces enrolados. Caramelos. Ora silhuetas negras alongadas, unidas por um amarelo predominante na obra.

Revelado o tema, para aqueles cuja história lhes interessa, os doces quedam-se em troncos violados. O quente amarelo, deitado sobre eles, se revela uma serra. Laminados são passivos. Espectros humanos conduzem o ofício. A fábrica de laminação se revela.

Figuração e abstração se associam para construir o efeito de sentido da obra. A intencionalidade da artista se revela: ao mesmo tempo em que, como contratada, deve entregar a obra, como crítica de seu tempo conduz a um lúdico julgamento. A natureza, revelada nas cores fortes do trabalho, contrasta com a silhueta negra do humano que a viola. O desenvolvimento não pode ser contido. É inevitável o progresso e o domínio da natureza. Mas esses atos não tornam a ação colorida e integrada. Os troncos, transformados em tábuas, perdem a coloração e ganham um pálido bege amarronzado. Frias formas geométricas, retângulos e ângulos retos se opõem à organicidade que predomina na obra (mural da Atlantic Veneer – pág. 48-49).

As considerações sobre esta obra permitem observar que a forma de exploração dos temas indicam uma tendência onírica de Rabello na construção de seu projeto poético, o que permite afirmar que há uma aproximação lúdica com a forma. O

imaginário retratado revela uma maneira simples e direta de reproduzir o tema proposto – o que vai se repetir em outras obras murais. Suas formas e cores fazem pensar que é como se a artista desenhasse o que se sabe do objeto e não exatamente o que se vê, o que parece ser outra tendência no seu projeto poético. Percebemos um colorido vibrante cobrindo cenas separadas, como numa linguagem semelhante àquelas de histórias em quadrinhos, porém distanciadas na sua narrativa.

Em termos formais, a perspectiva em seus murais é apenas sugerida por fragmentos de planos e formas que reafirmam o aspecto onírico. Isto pode ser observado, também, em outra obra situada numa agência dos Correios na cidade de Vila Velha (pág. 38-39). A abstração e a figuração ocupam espaços semelhantes em seu projeto poético habitando intencionalmente a mesma obra em momentos diferentes. Interessante observar que, nesta obra, a representação da figura humana confunde-se com o fundo, o tratamento da forma é bem semelhante – estas observações parecem revelar o teor crítico da obra anteriormente citada.

#### 4. CONSIDERAÇÕES DE UMA NÃO CONCLUSÃO

**A** obra de Marian Rabello é ampla e diversificada ao longo dessas décadas de dedicação plena ao trabalho das artes no Espírito Santo. Nenhum trabalho, por mais completo que fosse, daria conta de sua complexidade em um único estudo. Fica patente que, como memória cultural capixaba, Rabello carece de estudos amplos que tragam luz a seu papel na consolidação da arte no nosso Estado.

Mesmo em pesquisas como esta que apresentamos, focada apenas na interface da artista com a arte pública, foi impossível localizar dados sobre algumas de suas obras murais<sup>1</sup> - das quais sabemos da existência por depoimentos da artista -, pois nada se tem de material sobre elas que se efetivem para além de sua fala.

Nosso foco esteve o tempo todo nas mediações desta artista com a cidade e a natureza. Investigamos as marcas de um projeto poético que dialogou com

ocupações estéticas em grandes dimensões, no espaço urbano coletivo e cotidiano.

Entre seus trabalhos murais somam-se, até o momento aproximadamente, 48 obras catalogadas dentro do Estado, espalhadas em vários municípios. Há referências de obras fora do Estado e mesmo do país, porém estes dados não fizeram parte desta etapa da pesquisa. As obras de Rabello geralmente retratam a relação do homem com a natureza a serviço deste próprio homem, no caso a obra-prima que ao permitir transformação também transforma este operário, numa mecânica função em relação a identidades, sendo esta a temática expressa nas obras da artista.

Terminando o que intencionalmente é apenas o princípio de nossa reflexão sobre esta artista, a partir do material até o momento recolhido, esclarecemos que ainda não podemos analisar a obra como um todo, em vista do expressivo volume existente, ainda a ser juntado ao rol organizado das obras já localizadas. Julgamos, porém, relevante continuar a reflexão acerca da forma de fazer de Marian Rabello ao percebermos nesta não uma simples conversão do uso de métodos antigos para maneiras e formas contemporâneas de suporte artístico, mas porque vimos, na escolha livre e despojada da artista por uma técnica de certa maneira em vias de desuso frente às novas tecnologias, uma oportunidade para a análise de contrapontos e resultados entre técnica, linguagem e formas de absorção identitárias no que diz respeito à arte pública.

[1] Podemos citar: Lanches Vitória, Hotel Hellal, Copesa, Bradesco, Instituto Brasileiro do Café (IBC), Ponta do Tubarão – Sala do diretor, Porto de Vitória, Residência em Bento Ferreira, Banco do Norte, Banco Bandeirantes, Banco Francês Italiano e Banco de Crédito Agrícola

---

## REFERÊNCIAS

RABELLO, Marian. Depoimento. [14 set. 2013]. Vitória, ES, 2013. Entrevista concedida pela artista plástica Marian Rabello.

SIMÕES, Santos; MIGUEL, João. Estudos de Azulejaria, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2001.

TEROL, Marylène. Azulejos em Lisboa: A Luz de uma Cidade, Azulejos à Lisbonne: Lumière d'une Ville. Editor Hervas, 1990.

WILCKEN, Patrick. Império à Deriva. A corte Portuguesa no Rio de Janeiro 1808-1821. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

---

## AUTORES

### **Ciliani Celante**

Artista, professora da PMV, mestranda em Teoria e História da Arte no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

### **Marcela Belo**

Artista, mestranda em Teoria e História da Arte no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

### **José Cirillo**

Artista, professor do PPGA UFES. Doutor em Comunicação e semiótica pela PUC-SP. Desenvolve pesquisas com financiamento da FAPES, CAPES e CNPQ

# AZULEJOS EM VITÓRIA



# SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA - TÉRREO

Croqui



Identificação: Ciclos Econômicos do Espírito Santo

Ano de Execução: 1971

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 6,20 x 3,00 m

Endereço: Rua Raimundo Nonato, nº 116 - Forte São João – Vitória - Cep: 29017-160

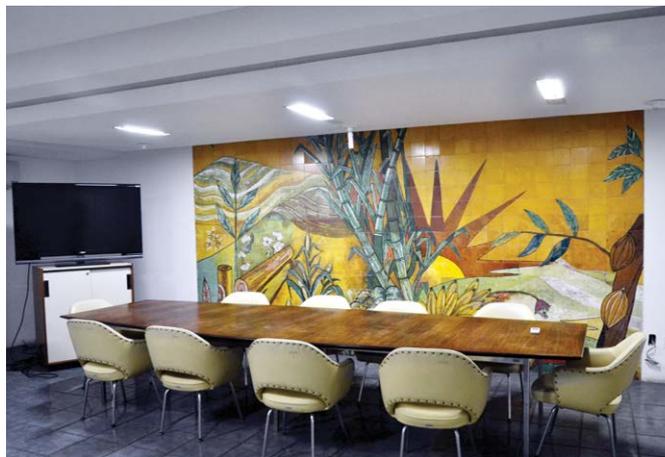
Localização: Térreo do edifício - garagem

Proprietário: Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca

Estado de Conservação: Bom



# SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA – SALA DE REUNIÕES



Identificação: Ciclos do Desenvolvimento Agrícola do Espírito Santo

Ano de Execução: 1971

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 4,85 x 2,63 m

Endereço: Rua Raimundo Nonato, nº 116 - Forte São João – Vitória - Cep: 29017-160

Localização: Sala de reuniões

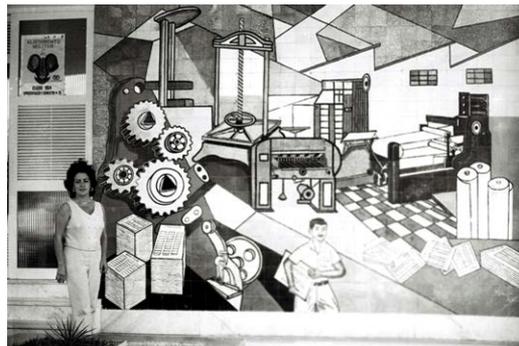
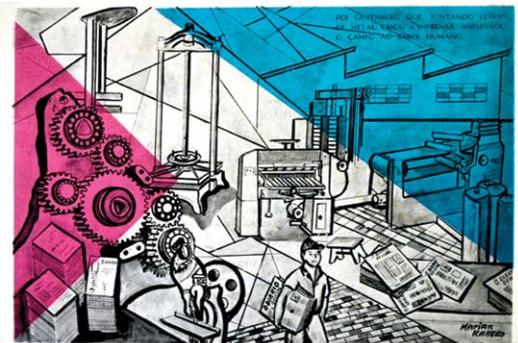
Proprietário: Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca

Estado de Conservação: Bom



# DEPARTAMENTO DE IMPRENSA OFICIAL – DIO/ES – MURAL EXTERNO

Croqui



Identificação: Mecanismo de Uma Indústria de Jornal

Ano de Execução: 1971

Técnica: Pintura sobre azulejo

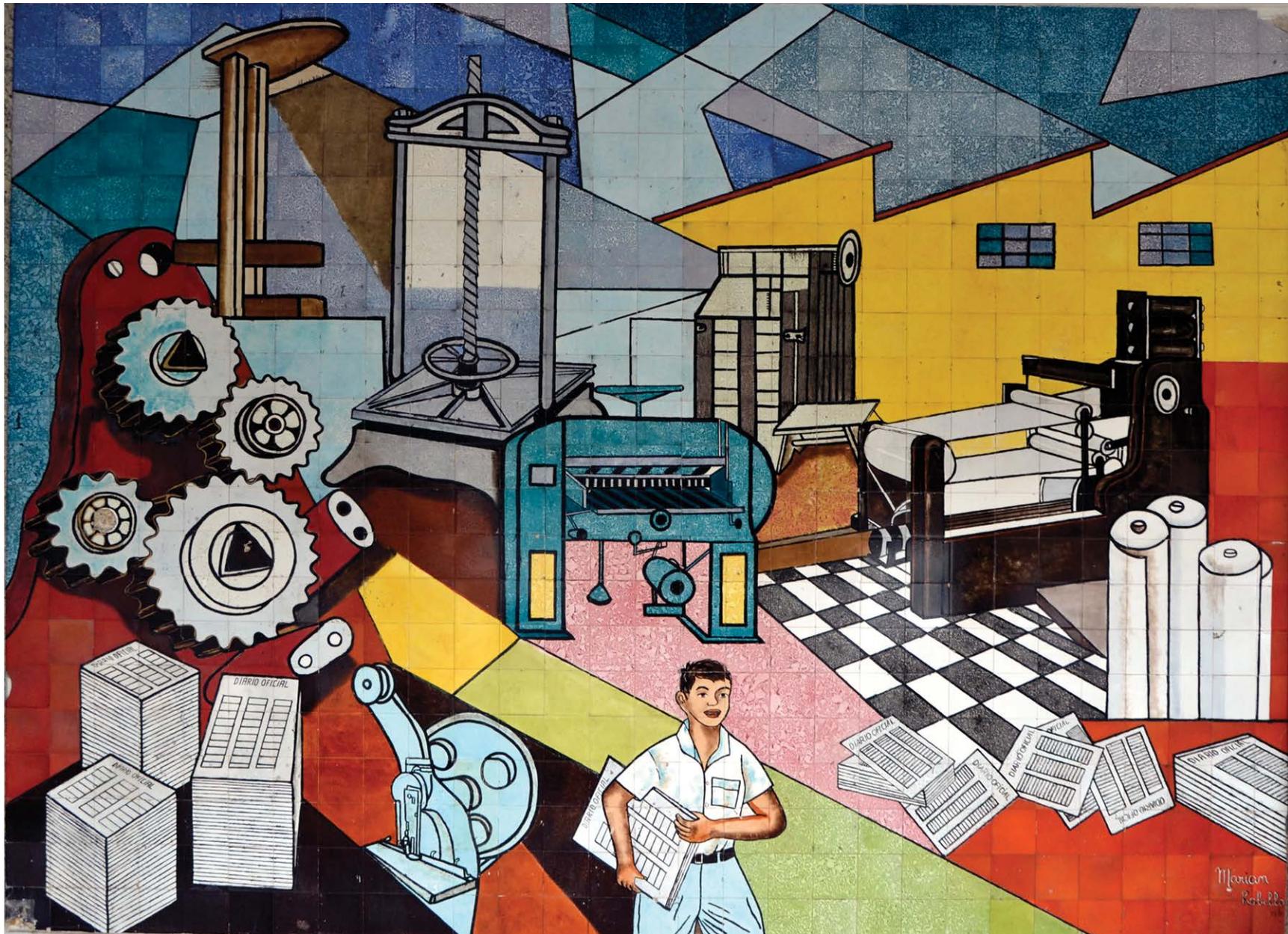
Dimensão: 4,35 x 3,20 m

Endereço: Av. Marechal Mascarenhas de Moraes, nº 2375, Bento Ferreira  
– Vitória -ES – Cep: 29.050-625

Localização: Fachada externa do edifício

Proprietário: Departamento de Imprensa Oficial – DIO/ES

Estado de Conservação: Bom



## DEPARTAMENTO DE IMPRENSA OFICIAL – DIO/ES – PAINÉIS



Identificação: Profetas do Aleijadinho

Ano de Execução: Década de 1960

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 0,60 x 1,35 m (cada)

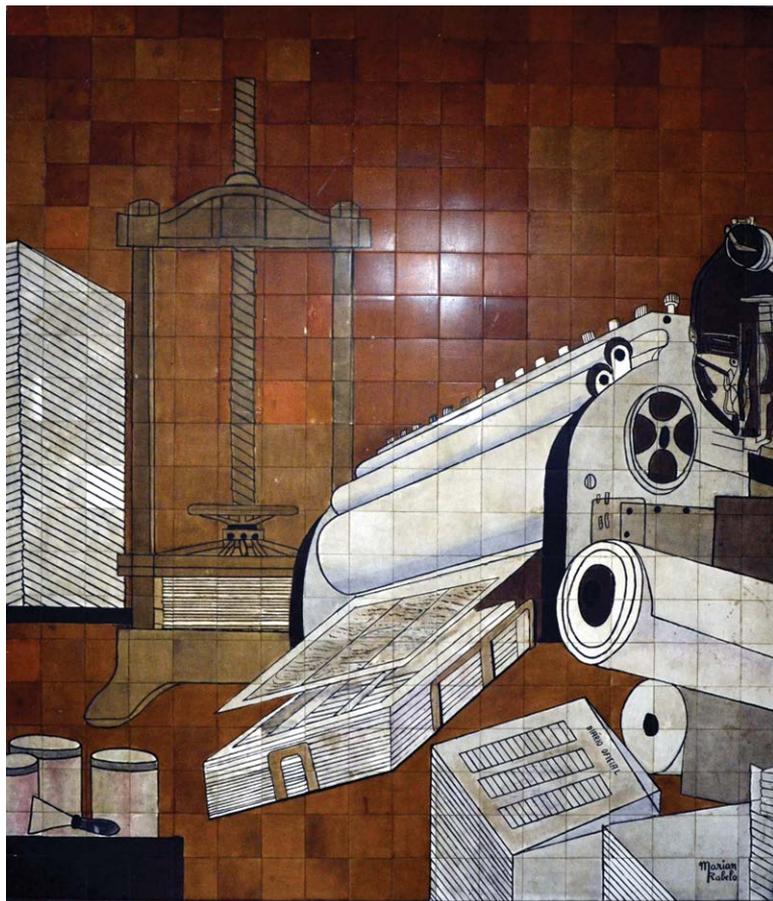
Endereço: Av. Marechal Mascarenhas de Moraes, nº 2375, Bento Ferreira  
– Vitória -ES – Cep: 29050-625

Localização: Sala administrativa

Proprietário: Departamento de Imprensa Oficial – DIO/ES

Estado de Conservação: Ótimo

## DEPARTAMENTO DE IMPRENSA OFICIAL – DIO/ES – MURAL INTERNO



Identificação: Mecanismo de Uma Indústria de Jornal

Ano de Execução: 1971

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 3,15 x 2,70 m

Endereço: Av. Marechal Mascarenhas de Moraes, nº 2375, Bento Ferreira

– Vitória -ES – Cep: 29050-625

Localização: Escadaria interna do edifício

Proprietário: Departamento de Imprensa Oficial – DIO/ES

Estado de Conservação: Ótimo

## GALERIA DE ARTE ESPAÇO UNIVERSITÁRIO - GAEU



Identificação: Casario

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 0,61 x 0,61 m

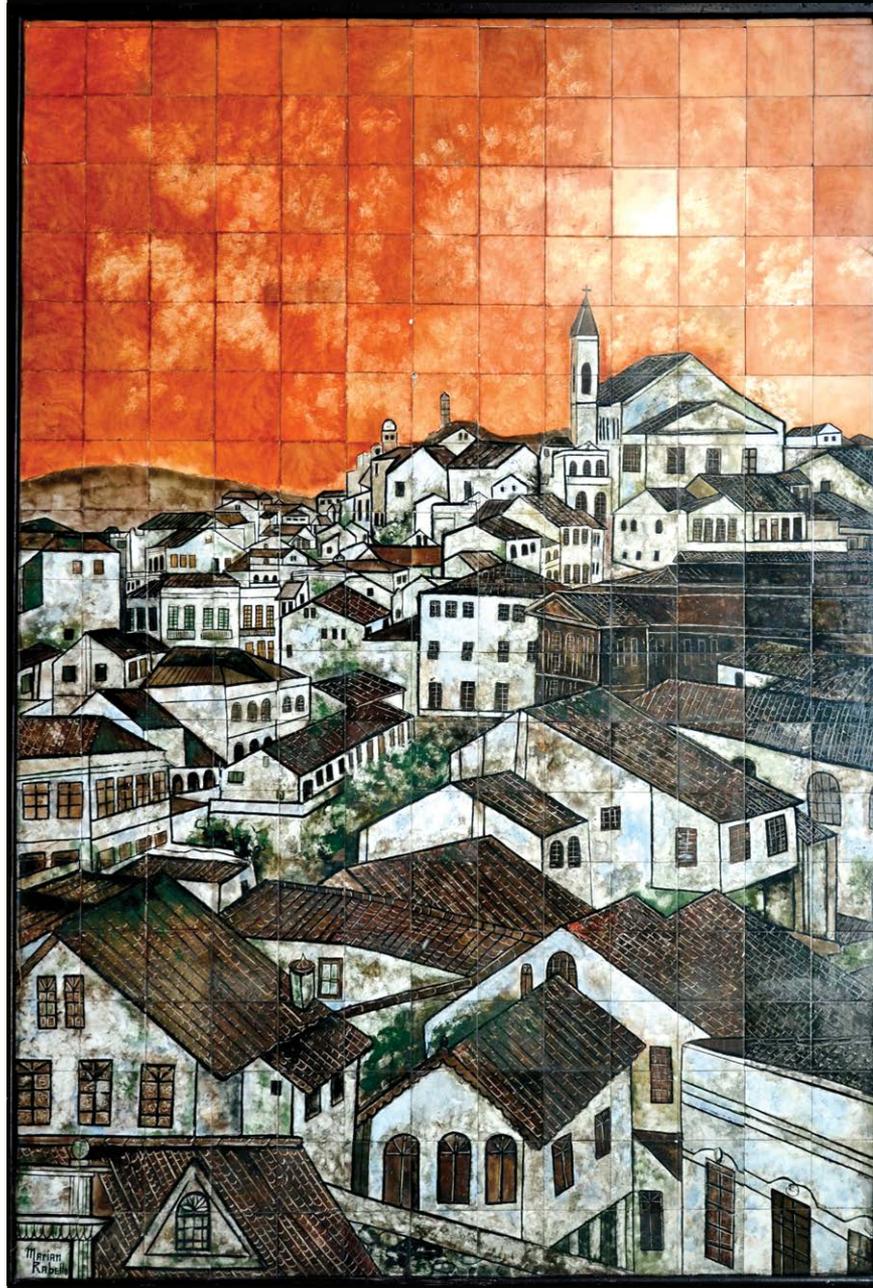
Endereço: Avenida Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras - Vitória - Cep:  
29.075-910

Localização: Acervo

Proprietário: Galeria de Arte Espaço Universitário

Estado de Conservação: Ótimo

# PRAIA TÊNIS CLUBE



Identificação: Casario da Cidade Alta de Vitória

Ano de Execução: 1969

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 1,97 x 2,74 m

Endereço: Avenida Desembargador Santos Neves, 871, Vitória - ES, 29.055-721

Localização: Pátio

Proprietário: Praia Tênis Clube (atualmente em processo de doação para a Secretaria de Educação)

Estado de Conservação: Bom

# ANTIGA LANCHONETE SETE

26



Identificação: Vitória Antiga  
Ano de Execução: 1967  
Técnica: Pintura sobre azulejo  
Dimensão: Desconhecida  
Endereço: Rua 7 de Setembro, nº 56, Centro – Vitória –  
Cep: 29.015-000  
Localização: Parede interna da lanchonete  
Proprietário: Particular  
Estado de Conservação: Demolido



# BANCO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - BANESTES

28



Identificação: Vitória Antiga

Ano de Execução: 1966

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 1,50 x 0,90 m

Endereço: Praça Oito de Setembro lj.01, nº 16, Centro –  
Vitória – Cep: 29.010-600

Localização: Sala da gerência

Proprietário: Banco do Estado do Espírito Santo -  
BANESTES

Estado de Conservação: Ótimo

## CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Identificação: Maternidade  
Ano de Execução: Década de 1980  
Técnica: Pintura sobre azulejo  
Dimensão: 0,60 x 1,05 m  
Endereço: Avenida Nossa Senhora da Penha 250, Edifício Caravelle, Santa Helena – Vitória – Cep: 29.055-902  
Localização: Acervo da Caixa Econômica Federal  
Proprietário: Caixa Econômica Federal  
Estado de Conservação: Ótimo



Identificação: Casarios Coloniais  
Ano de Execução: Década de 1980  
Técnica: Pintura sobre azulejo  
Dimensão: 0,75 x 0,75 m  
Endereço: Avenida Nossa Senhora da Penha 250, Edifício Caravelle, Santa Helena – Vitória – Cep: 29.055-902  
Localização: Acervo da Caixa Econômica  
Proprietário: Caixa Econômica Federal  
Estado de Conservação: Ótimo

## SALA COMERCIAL - EDIFÍCIO RURAL BANK



Identificação: Palafitas da Ilha do Príncipe

Ano de Execução: 1976

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 2,40 x 1,20 m

Endereço: Avenida Jerônimo Monteiro, nº 240, Edifício Rural Bank, sala 606 – Centro - Vitória – Cep: 29.010-900

Localização: Sala comercial

Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Ótimo

## EDIFÍCIO DOM FERNANDO



Identificação: Tropicália

Ano de Execução: 1977

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 2,37 x 2,20 m

Endereço: Rua Professor Adão Benezath, nº 51, Centro –  
Vitória – Cep: 29.015-170

Localização: Hall de entrada do edifício (portaria)

Proprietário: Condomínio do Edifício Dom Fernando

Estado de Conservação: Regular

## ANTIGO DEPÓSITO GUARANÁ COROA



Identificação: Guarani Coroa

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Desconhecida

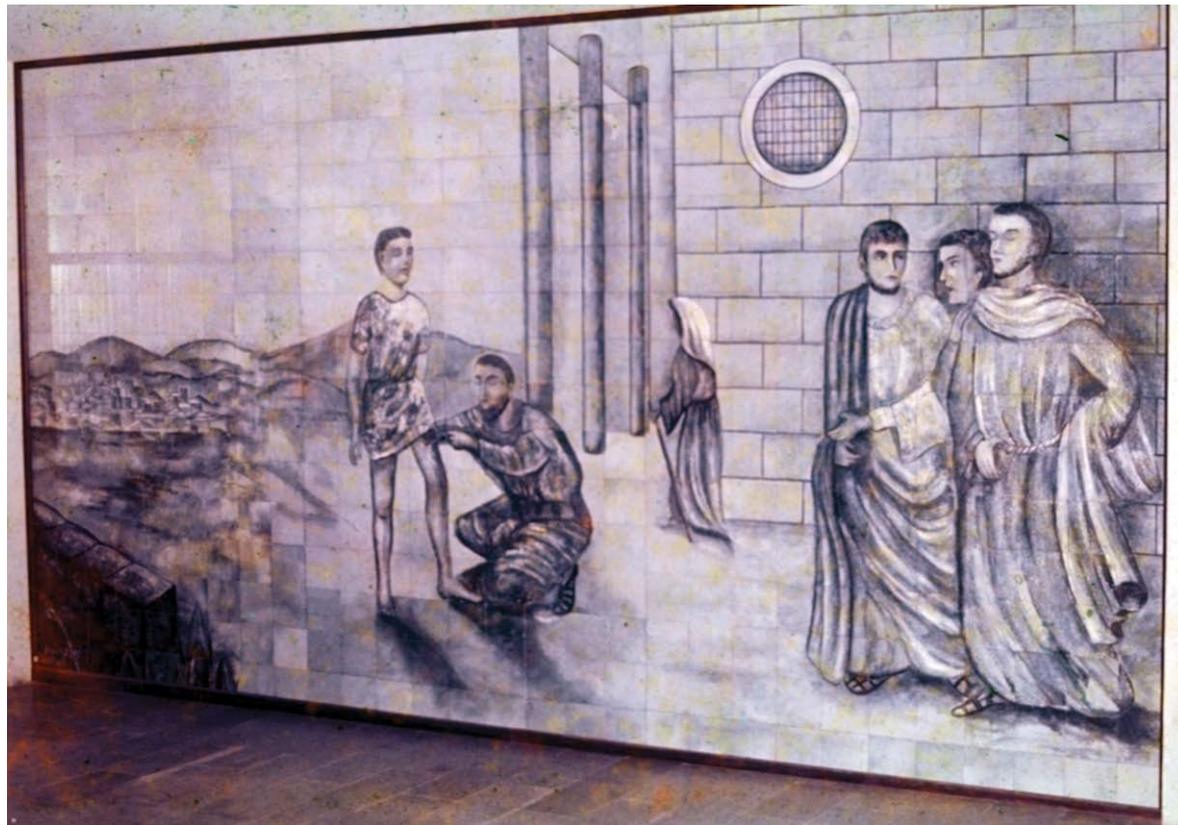
Endereço: Rua Desembargador Ferreira Coelho, Praia do  
Suá – Vitória – Cep: 29.052-210

Localização: Fachada Externa

Proprietário: Roberto Ancelmo Kaupsky

Estado de Conservação: Demolido

# HOSPITAL SÃO LUCAS



Identificação: O Bom Samaritano  
Ano de Execução: 1969  
Técnica: Pintura sobre azulejo  
Dimensão: 4,55 x 2,55 m  
Endereço: Rua Desembargador José Vicente,  
nº 1533, Forte São João - Vitória - Cep:  
29.010-420  
Localização: Hall de Entrada  
Proprietário: Hospital São Lucas  
Estado de Conservação: Demolido

# ANTIGO HOSPITAL JESUS MENINO



Identificação: Circo

Ano de Execução: 1970

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Direita: 3.32 X 2.20 m, Esquerda: 2,10 x 2,40 m

Endereço: Alameda Mary Ubirajara, s/n, Santa Lúcia - Vitória

- Cep: 29.056-030

Localização: Recepção (hospital atualmente desativado)

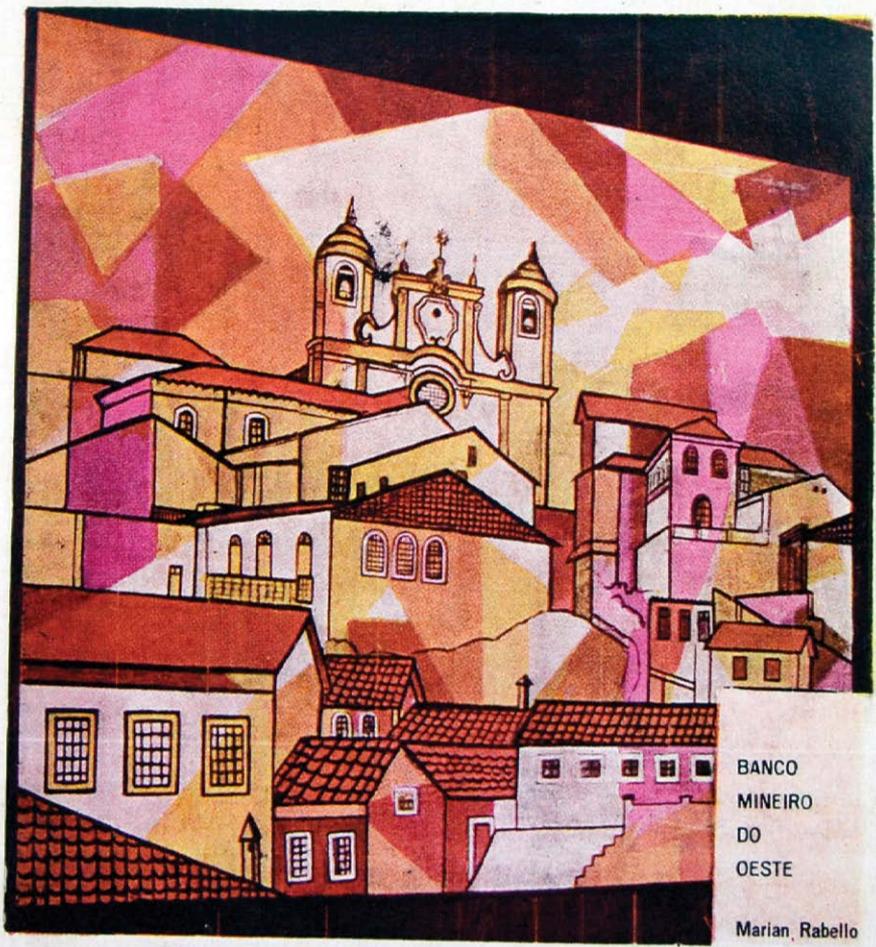
Proprietário: Atualmente pertence ao Hospital Infantil Nossa

Senhora da Glória

Estado de Conservação: Bom



# BANCO MINEIRO DO OESTE

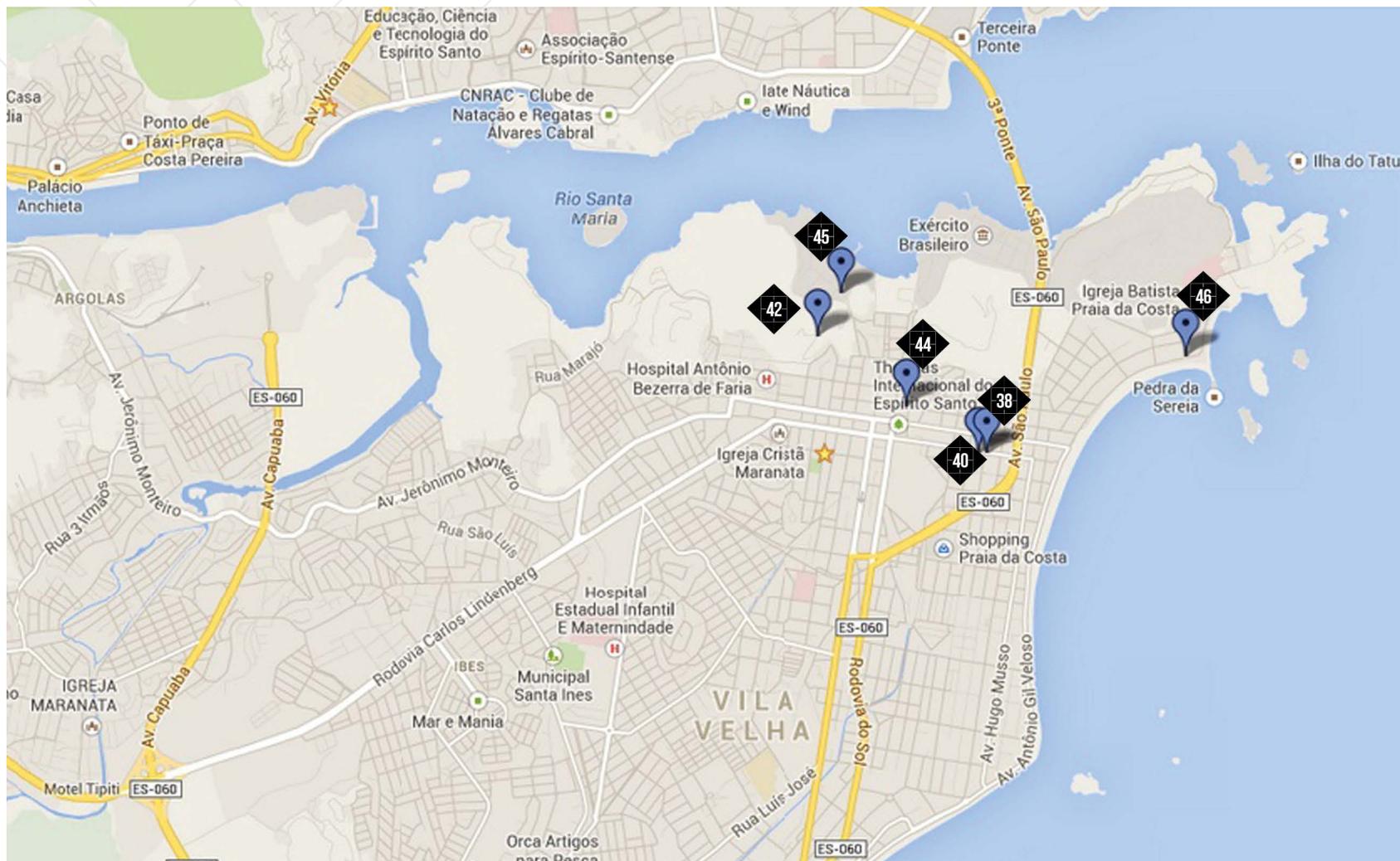


BANCO  
MINEIRO  
DO  
OESTE  
Marian, Rabello



Identificação: Cidade de Ouro Preto  
Ano de Execução: 1974  
Técnica: Pintura sobre azulejo  
Dimensão: 1,65 x 1,35 m  
Endereço: Avenida Jerônimo Monteiro, Centro – Vitória Cep: 29.010-900 (endereço original da obra)  
Localização: Desconhecido  
Proprietário: Banco Mineiro Do Oeste (incorporado pelo Bradesco)  
Estado de Conservação: A obra não foi localizada

# AZULEJOS EM VILA VELHA



## IMÓVEL COMERCIAL - CORREIOS



Identificação: Fim de Pesca

Ano de Execução: Década de 1970

Técnica: Pintura sobre azulejo

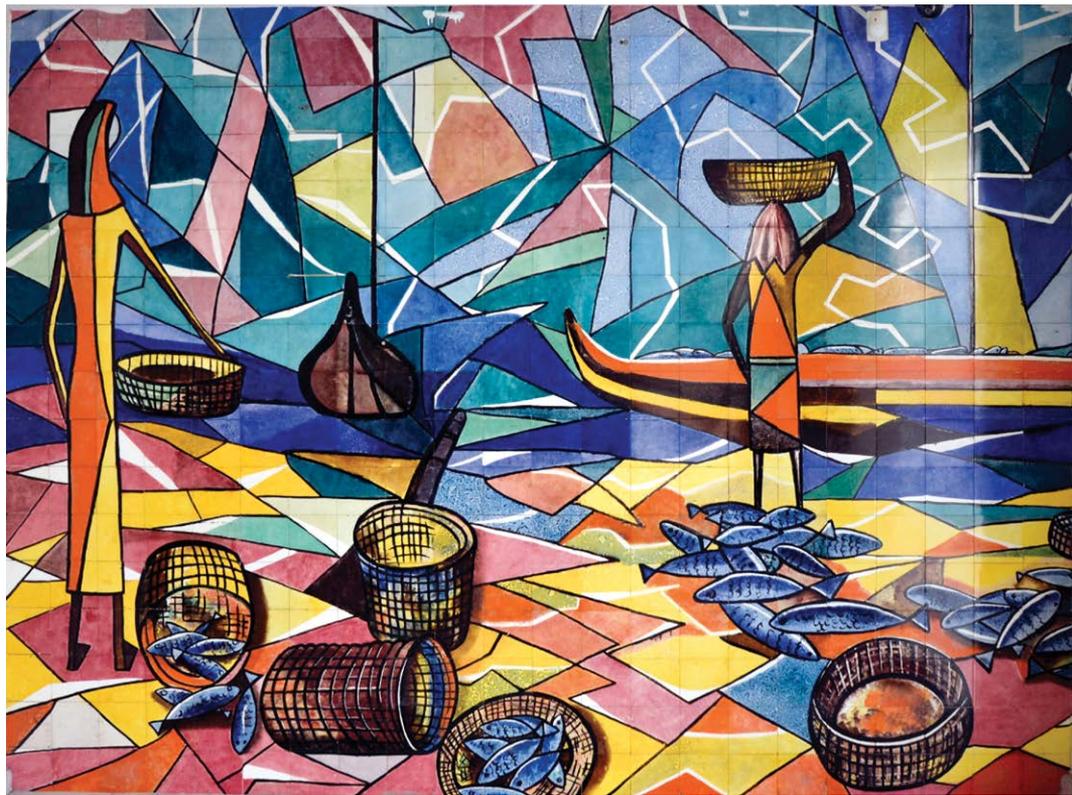
Dimensão: Lado esquerdo 3,35 x 2,52 m, Lado direito 1,68 x 2,72 m

Endereço: Avenida Champagnat, nº 459, Praia da Costa - Vila Velha – Cep: 29.101-390

Localização: Parede interna e externa do imóvel

Proprietário: Particular (atualmente locado pelos Correios)

Estado de Conservação: Regular



# IMÓVEL COMERCIAL

40

Identificação: Velejadores

Ano de Execução: Década de 1970

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Desconhecida

Endereço: Avenida Champagnat, nº 461, Praia da Costa - Vila Velha – Cep: 29.101-390

Localização: Sala comercial (o mural atualmente encontra-se oculto sob um painel de madeira)

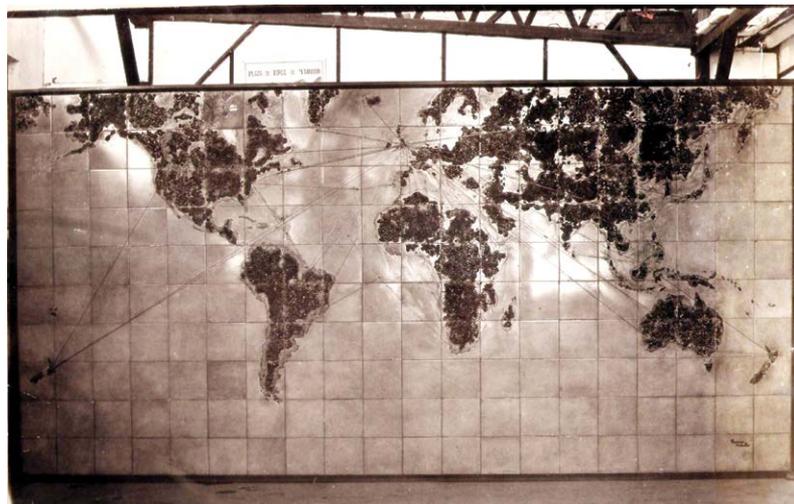
Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Visualização impossibilitada



Norman Rockwell

# RESIDÊNCIA PARTICULAR - PAINEL DA ANTIGA TELEST (WESTERN TELEGRAPH)



Identificação: Planisfério

Ano de Execução: 1968

Técnica: Pintura sobre azulejo, vidro, cristais, botões e fios de cobre

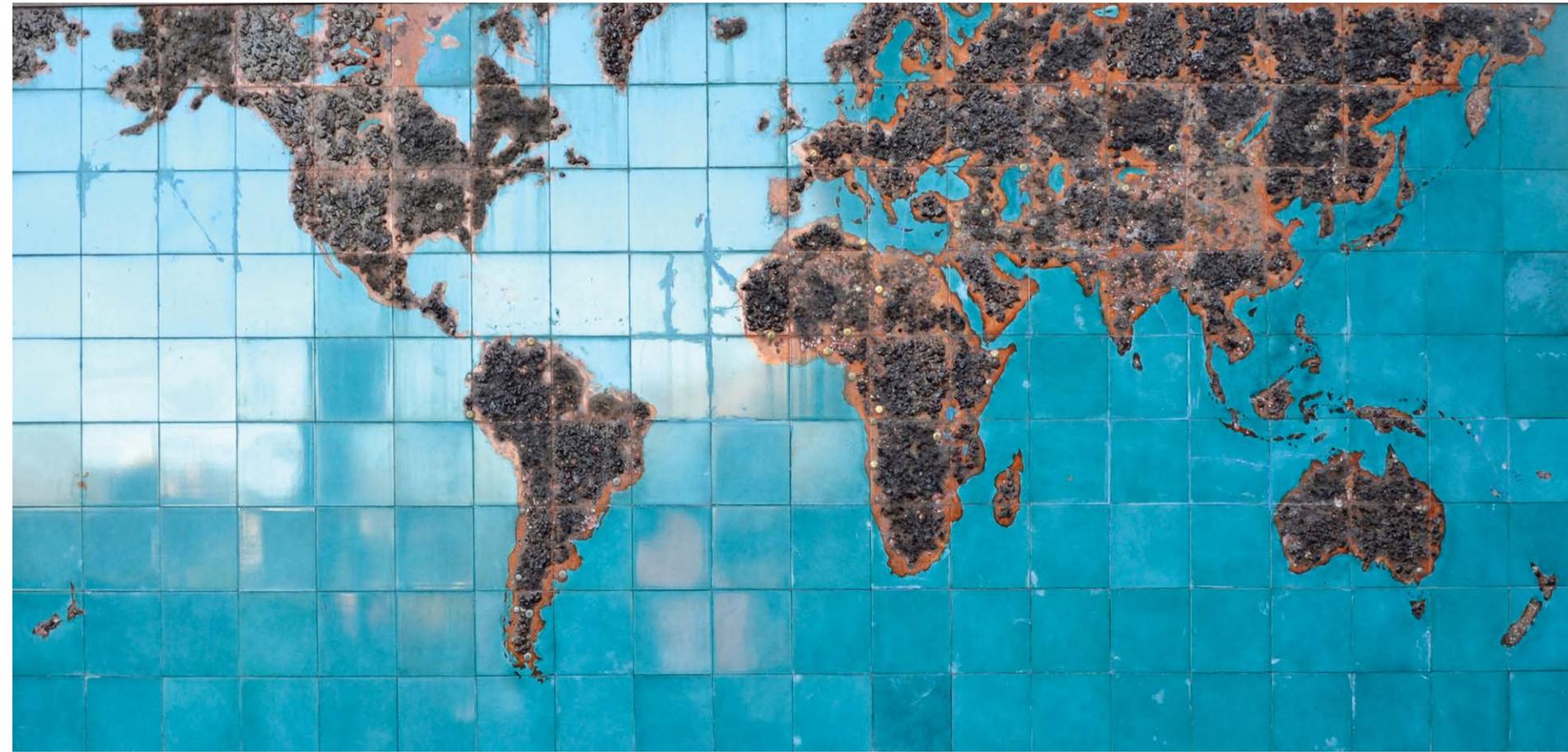
Dimensão: 3,03 x 1,36 m

Endereço: Rua Coronel Sodré, nº 10, Centro – Vila Velha – Cep: 29.100-080

Localização: Fachada externa da residência

Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Regular



# IMÓVEL COMERCIAL



Identificação: O Entardecer e o Pescador

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 2,52 x 2,25 m

Endereço: Rua 15 de Novembro, nº 1050, Centro – Vila Velha – Cep: 29.100-031

Localização: Entrada do imóvel (escada)

Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Bom

# MARINHA DO BRASIL – ESCOLA DE APRENDIZES MARINHEIROS DO ESPÍRITO SANTO



Identificação: Jesus e o Marinheiro

Ano de Execução: 1973

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 1,95 x 3,17 m

Endereço: Enseada do Inhoá, s/n – Prainha – Vila Velha  
– Cep: 29.100-900

Localização: Ao lado da Capela

Proprietário: Marinha do Brasil – Escola de Aprendizes  
Marinheiros do Espírito Santo

Estado de Conservação: Regular



# RESTAURANTE ATLÂNTICA

46



Identificação: Cartas de Baralho (Valet e Rei de Paus)

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 0,60 x 1,50 m (cada)

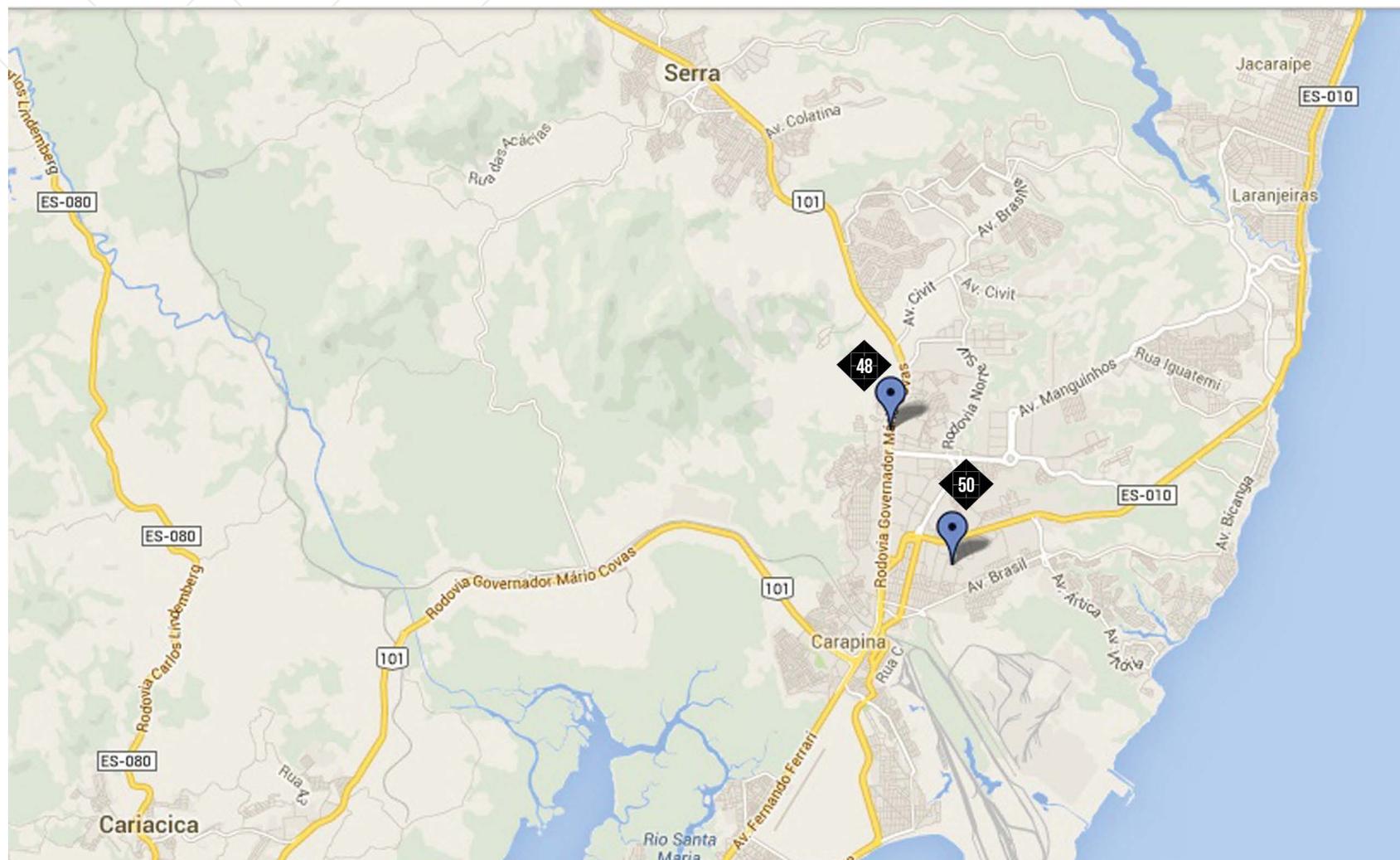
Endereço: Avenida Antônio Gil Veloso, nº 80,  
Praia da Costa – Vila Velha – Cep: 29.101-010

Localização: Interior do restaurante

Proprietário: Osmar Bodevan

Estado de Conservação: Bom

# AZULEJOS EM SERRA



# ANTIGA ATLANTIC VENEER

Croqui



Identificação: Laminação de Madeiras

Ano de Execução: 1968

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 6,90 x 5,25 m

Endereço: Rodovia BR 101, Laranjeiras – Serra – Cep:  
29.165-130

Localização: Fachada externa do imóvel

Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Bom



Marian Rabelo  
1968

## RESIDÊNCIA PARTICULAR



Identificação: Folhagens

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 1,07 x 1,55 m

Endereço: Rua Ilma Henriques, nº 22, Jardim Limoeiro – Serra – Cep: 29.164-082

Localização: Área de lazer da residência

Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Bom



# REALCAFÉ SOLÚVEL DO BRASIL

Croqui



Identificação: Ciclos do Café

Ano de Execução: 1972

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 4,56 x 8,80 m (cada face)

Endereço: Rodovia BR 101, KM 7 - Guaritas – Viana - Cep: 29.135-000

Localização: Fachada externa da empresa

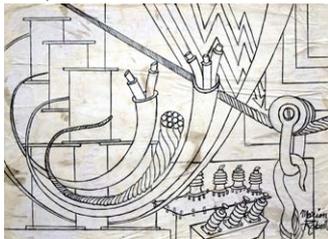
Proprietário: RealCafé Solúvel do Brasil S/A

Estado de Conservação: Bom



# IMÓVEL COMERCIAL (ANTIGA CONDELSA)

Croqui



Croqui



Identificação: Condutores Elétricos

Ano de Execução: 1976

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 3,51 x 4,00 m

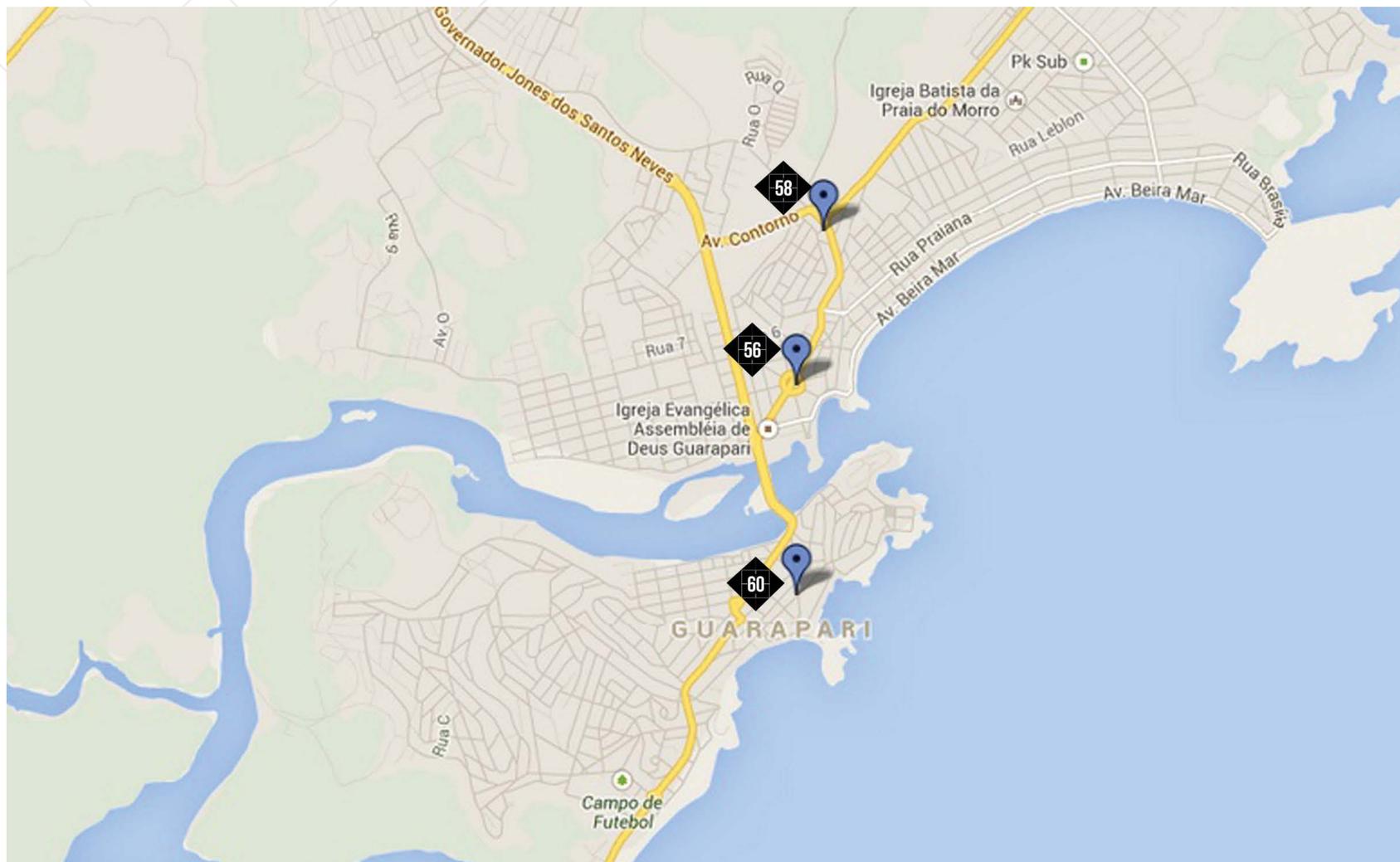
Endereço: Rodovia BR 262, KM 20, Centro – Viana – Cep: 29.135-000

Localização: Fachada externa do imóvel

Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Bom

# AZULEJOS EM GUARAPARI



# ANTIGA ESCOLA ANA ROCHA LYRA

56



Identificação: O Circo

Ano de Execução: 1974

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 2 painéis medindo: 6,30 x 3,15 m (cada)

1 painel medindo: 5,30 x 3,15

1 placa: 2,30 x 0,80 m (com o nome da escola)

Endereço: Praça Philomeno Pereira Ribeiro, Muquiçaba, Guarapari – 29.220-060 ☒

Localização: Antiga parede externa da escola

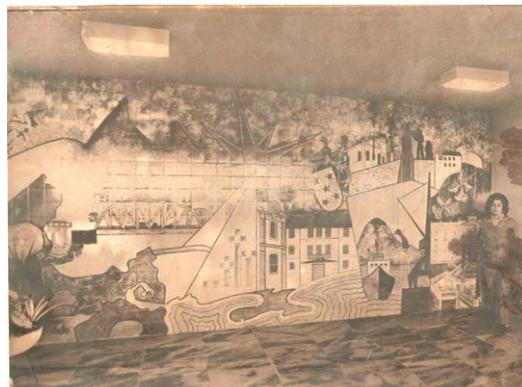
Proprietário: Antiga sede da Escola Ana Rocha Lyra

Estado de Conservação: Demolido



# ANTIGO CENTRO DE CONVENÇÕES

Croqui



Identificação: Relíquias do Espírito Santo

Ano de Execução: 1973

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Lado esquerdo 2,66 x 2,90 m, Lado direito 3,63 x 2,90 m

Endereço: Alameda Francisco Vieira Simões, s/n, Muquiçaba – Guarapari

Cep: 29.214-110

Localização: Antigo Centro de Convenções

Proprietário: Particular

Estado de Conservação: Regular



# ANTIGO HI IMÓVEIS

Croqui



Identificação: Cidade de Guarapari

Ano de Execução: 1978

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Desconhecida

Endereço: Rua Joaquim da Silva Lima, nº 233, Ed. Apolo, Centro – Guarapari

Cep: 29.200-260

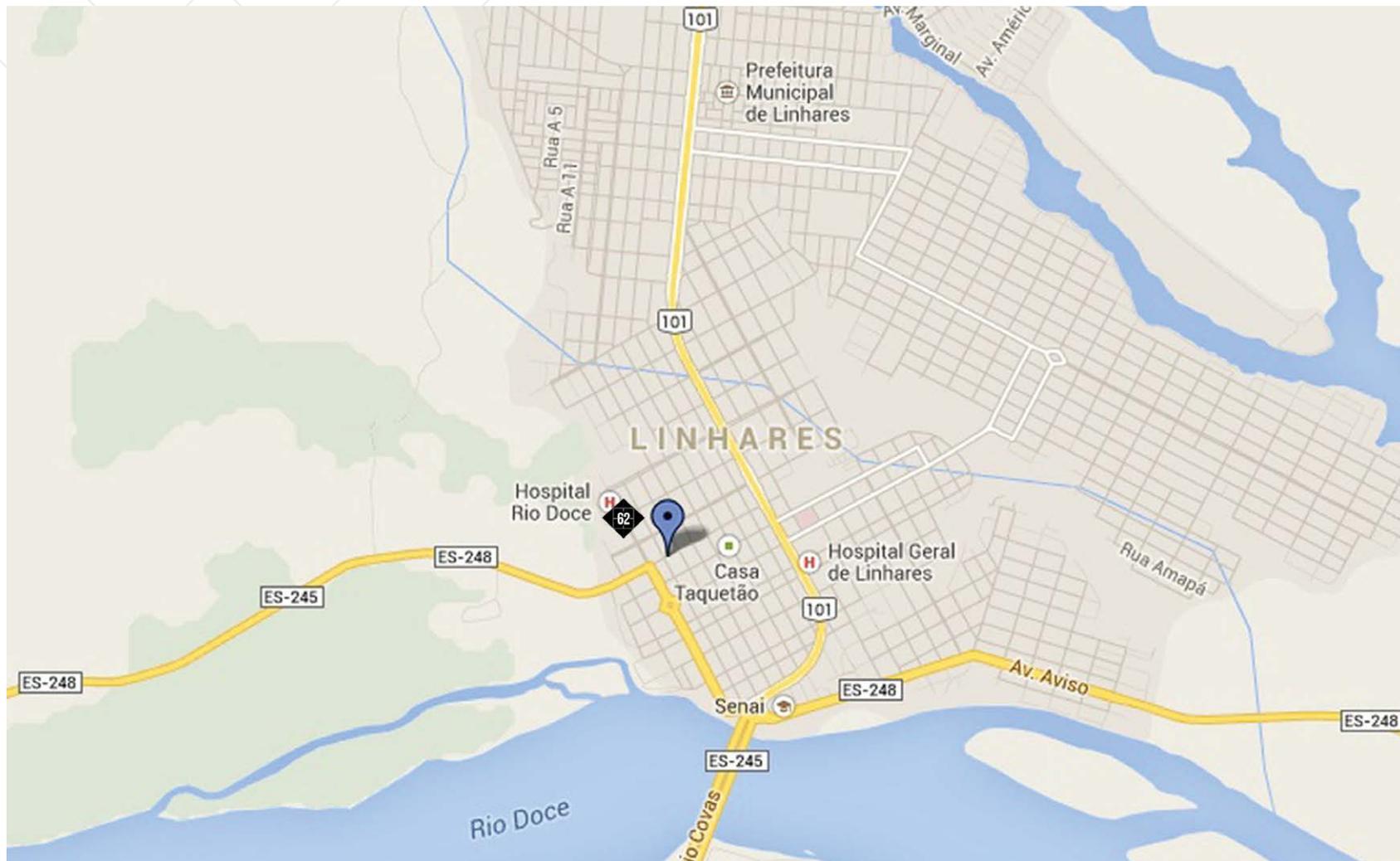
Localização: Parede interna do imóvel

Proprietário: Antigo HI Imóveis

Estado de Conservação: Demolido



# AZULEJOS EM LINHARES



# COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA - CEPLAC

Croqui



Identificação: Ciclos do Cacau

Ano de Execução: 1975

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 6,15 x 4,00 m

Endereço: Rua Augusto Pestana, nº 1122, Centro – Linhares – Cep: 29.900-192

Localização: Pátio externo (garagem)

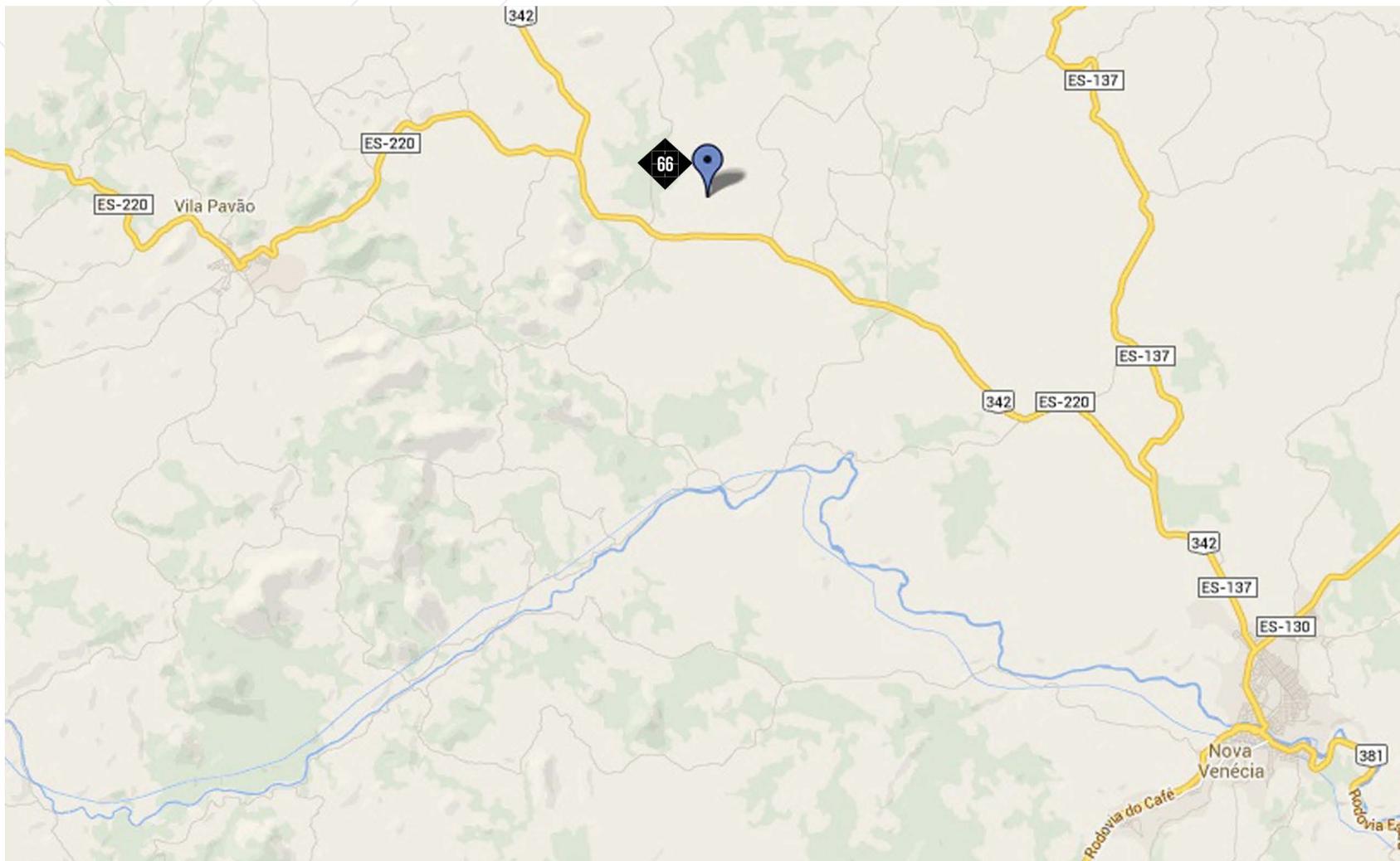
Proprietário: Comissão Executiva Do Plano Da Lavoura Cacaueira - CEPLAC

Estado de Conservação: Precário





# AZULEJOS EM NOVA VENÉCIA



# FAZENDA VELOSO



66



Identificação: Via Sacra (identificação geral do conjunto de obras)

Ano de Execução: 1979

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: 1,83 x 2,80 m

Endereço: Fazenda Veloso, s/n, Córrego da Peneira – Nova Venécia

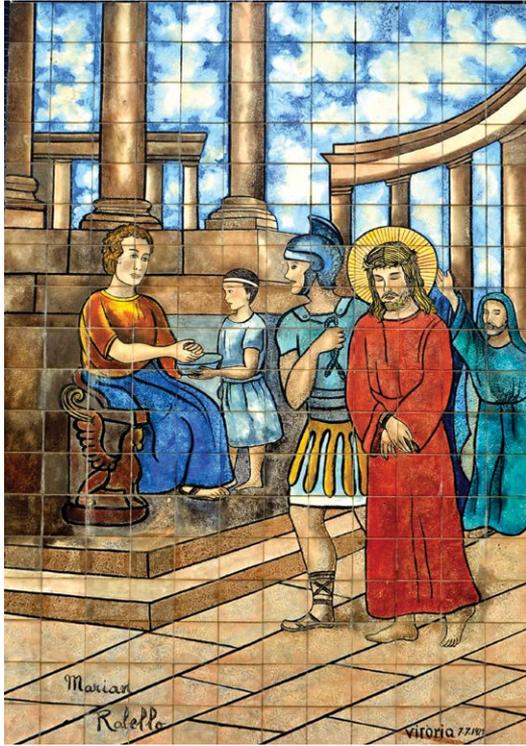
Cep: 29.830-000

Localização: Área externa da fazenda

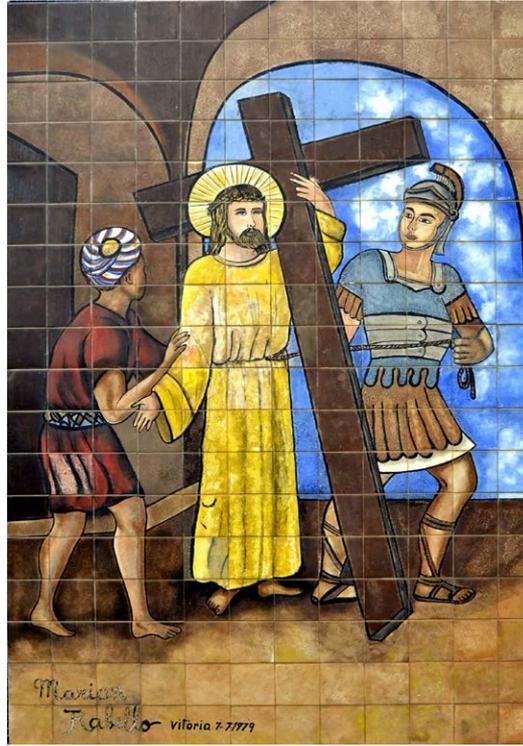
Proprietário: Família Veloso

Estado de Conservação: Bom

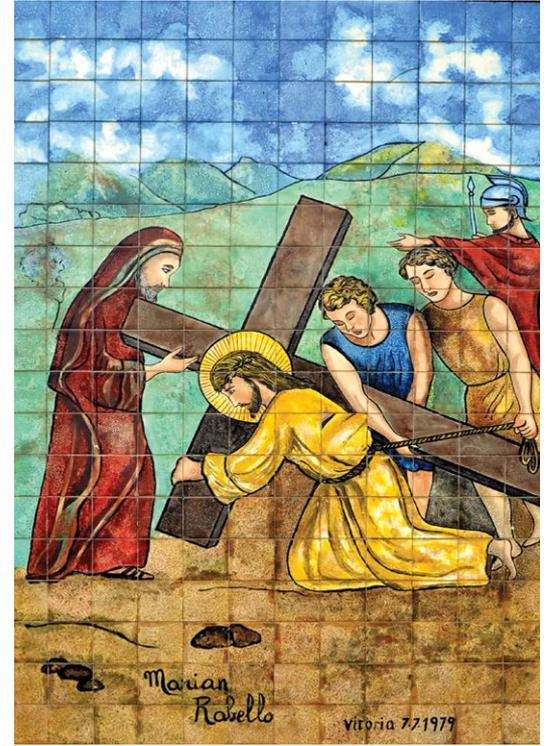




O JULGAMENTO



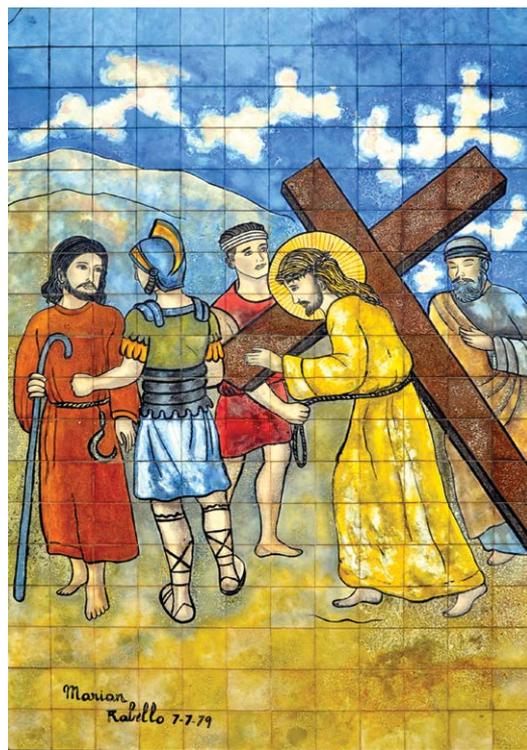
LEVANDO A CRUZ



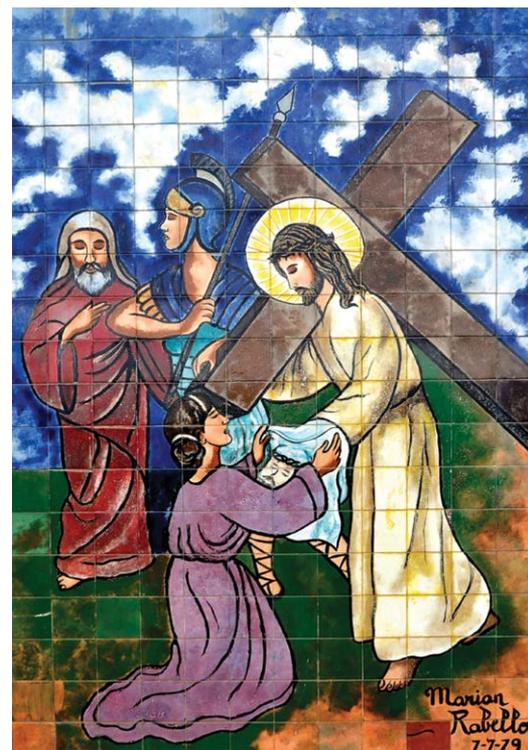
PRIMEIRA QUEDA DE JESUS COM A CRUZ



ENCONTRO DE JESUS E A VIRGEM MARIA



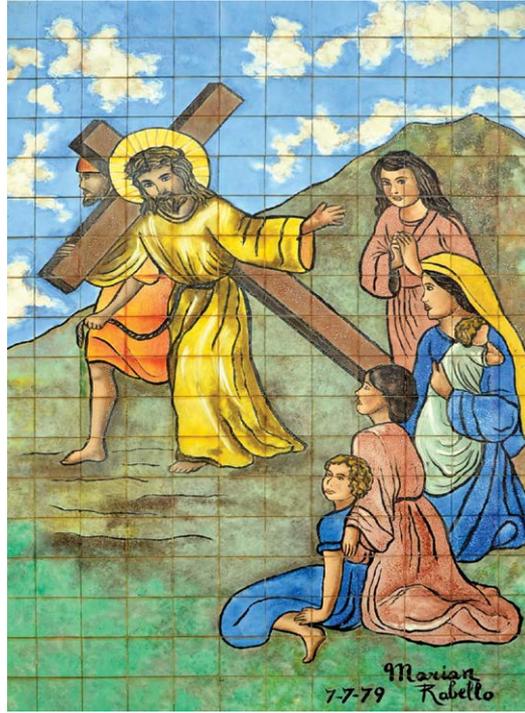
ENCONTRO DE JESUS COM SIMÃO CIRINEU



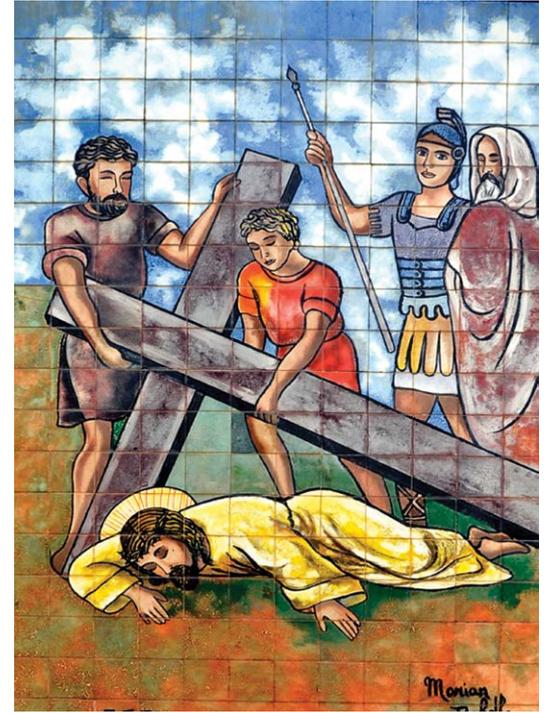
SANTA VERÔNICA ENXUGANDO O ROSTO DE JESUS



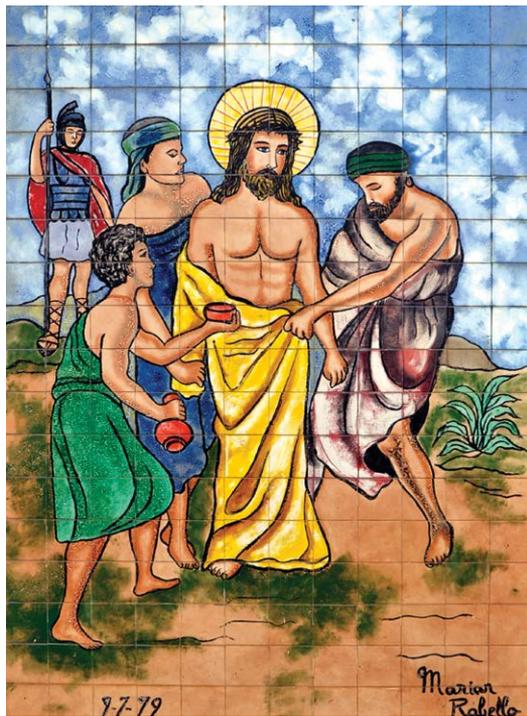
SEGUNDA QUEDA DE JESUS NA VIA  
DOLOROSA



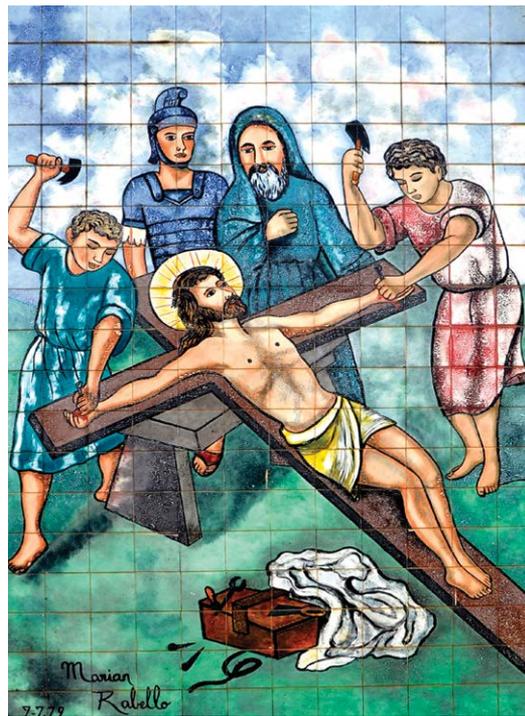
O CHORO DAS MULHERES PIEDOSAS



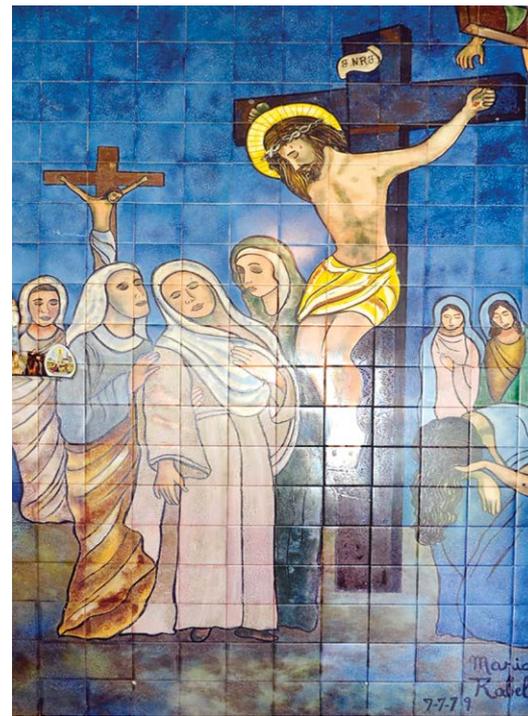
TERCEIRA QUEDA DE JESUS NA VIA  
DOLOROSA



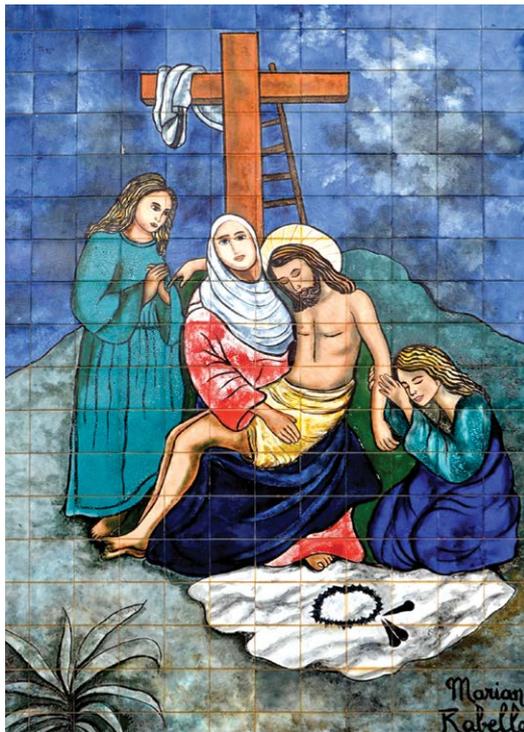
JESUS DESPINDO-SE DE SUAS VESTES



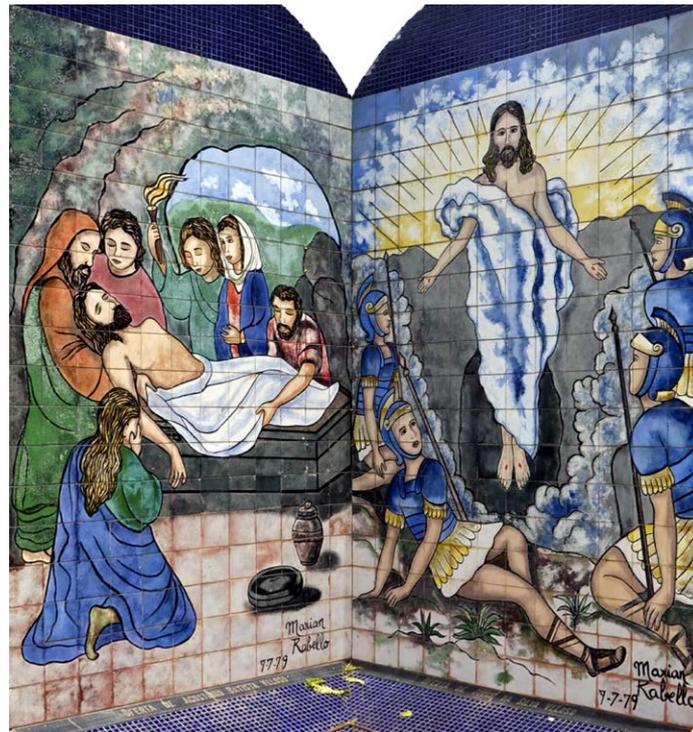
JESUS SENDO CRAVADO NA CRUZ



JESUS SUSPENSO NA CRUZ



A DESCIDA DA CRUZ NOS BRAÇOS DA  
VIRGEM MARIA



ESQUERDA: O SEPULTAMENTO  
DIRETA: A RESSURREIÇÃO



**AZULEJOS EM LOCALIDADES NÃO  
IDENTIFICADAS**

# LOCALIDADE NÃO IDENTIFICADA

Croqui



Identificação: Arrastão

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Desconhecida

Endereço: Desconhecido

Localização: Desconhecido

Proprietário: Desconhecido

Estado de Conservação: Desconhecido

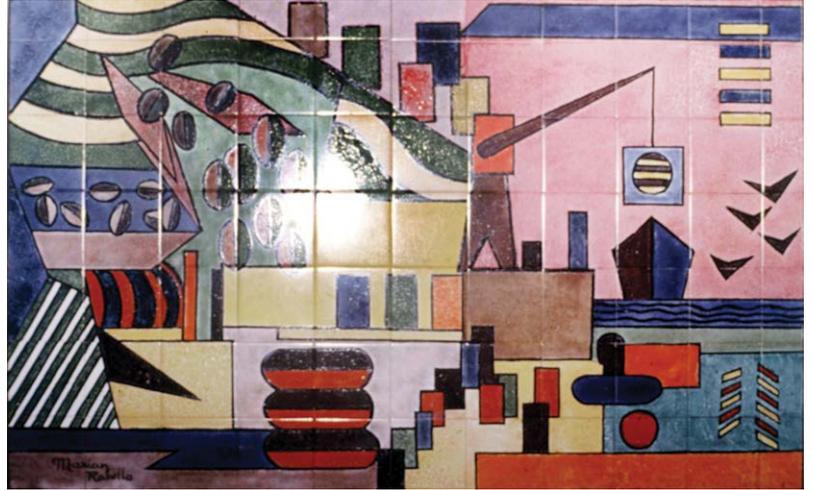
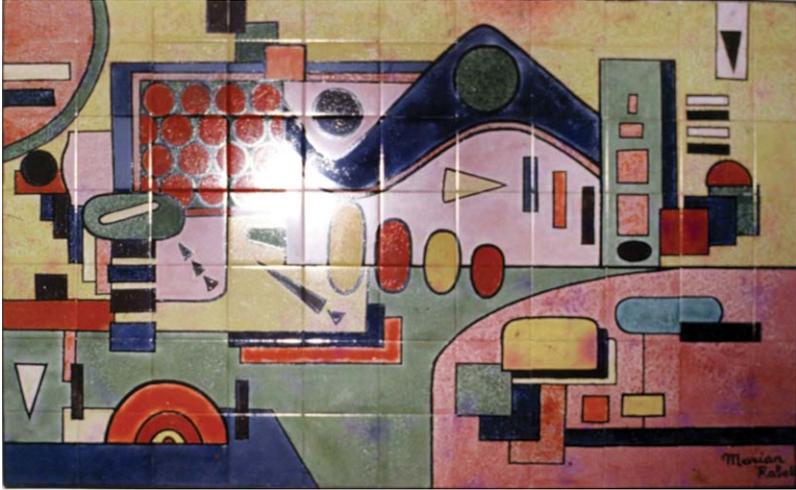


## LOCALIDADE NÃO IDENTIFICADA

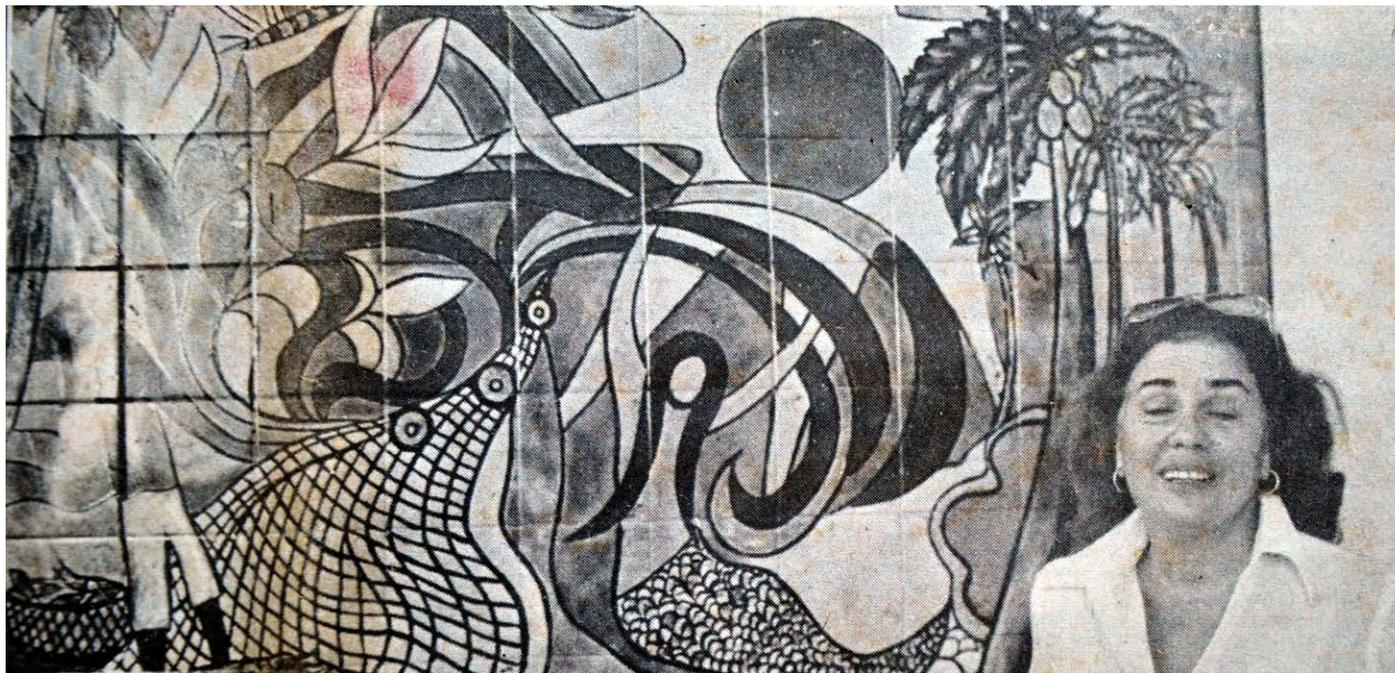
76



Identificação: Comércio de café  
Ano de Execução: ?  
Técnica: Pintura sobre azulejo  
Dimensão: Desconhecida  
Endereço: Desconhecido  
Localização: Desconhecido  
Proprietário: Desconhecido  
Estado de Conservação: Desconhecido



## LOCALIDADE NÃO IDENTIFICADA



Identificação: Sereia

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Desconhecida

Endereço: Desconhecido

Localização: Desconhecido

Proprietário: Desconhecido

Estado de Conservação: Desconhecido

## LOCALIDADE NÃO IDENTIFICADA



Identificação: Ceia de Natal

Ano de Execução: ?

Técnica: Pintura sobre azulejo

Dimensão: Desconhecida

Endereço: Desconhecido

Localização: Desconhecido

Proprietário: Desconhecido

Estado de Conservação: Desconhecido

## CRÉDITO DE FOTOGRAFIAS

Página 4 : Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 6 : Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 10: Portinari – [www.viagem.uol.com.br](http://www.viagem.uol.com.br),  
Athos Bulcão – [www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org)  
Página 11: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 12: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 16: Croqui e foto p&b – Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 20: Croqui e foto p&b – Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 25: Fotos p&b – Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 26: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 27: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 29: Acervo da Caixa Econômica Federal  
Página 32: Acervo família Kaupsky  
Página 33: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 36: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 38: Fotografia esquerda - Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 41: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 42: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 48: Croqui e foto antiga ao lado - Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 52: Croqui e fotos p&b - Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 54: Croquis - Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 56: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 57: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 58: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 60: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Página 62: Acervo pessoal de Marian Rabello  
Páginas 74, 75, 76, 77, 78 e 79: Acervo pessoal de Marian Rabello

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Marian Rabello que talentosamente nos oferece esse legado artístico de forma tão singular enriquecendo nossas cidades. À sua família que gentilmente nos recebeu e acreditou neste trabalho, nos disponibilizando, sem reservas, os arquivos e escritos da artista, os quais foram de extrema importância na localização das obras. Ao artista Celso Adolfo que colaborou na localização de alguns painéis. Agradecemos também a contribuição de todos os proprietários dos painéis aqui catalogados pela permissão de acesso e registro do acervo. À SECULT-ES que acreditou e diretamente colaborou para a realização do projeto. E carinhosamente aos nossos familiares e amigos pelo apoio e compreensão.

Ciliani Agradece:

A Marcela Belo por dividir seu talento no modo de fazer e a José Cirillo pela experiência carinhosamente disponibilizada sem reservas.

Na vontade de Deus, as oportunidades vêm acompanhadas de providências. E vocês foram a maior prova disso!

## CONTATO

[www.artepublicacapixaba.com.br](http://www.artepublicacapixaba.com.br)

[artepublicacapixaba@gmail.com](mailto:artepublicacapixaba@gmail.com)



**MARIAN RABELLO**  
**E OS AZULEJOS MURAIIS**  
EXPERIÊNCIAS EM ARTE PÚBLICA